



UMA OUTRA ESCOLA É POSSÍVEL

Mudar as regras da *gramática escolar* e os modos
de trabalho pedagógico

José Matias Alves e Ilídia Cabral

Porto

2017

Faculdade de Educação e Psicologia

Ficha técnica

Título: Uma Outra Escola é Possível - Mudar as regras da *gramática escolar* e os modos de trabalho pedagógico

Organizadores: José Matias Alves e Ilídia Cabral

Autores: Daniela Gonçalves, Francisco Freire Soares, Ilídia Cabral, José Matias Alves, Judite Cruz, Margarida Oliveira, Marina Torres Pinto, Sónia Soares Lopes

Edição: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa

Local: Porto

Data de edição: maio de 2017

Imagem da capa: Imagem do II Simpósio Internacional, Barcelona 2017

ISBN: 978-989-99486-5-5

Índice

Sistema educativo espanhol: breve explicitação e glossário	4
Uma nova <i>gramática escolar</i> em ação - Ensaio compreensivo das possibilidades	5
Centro de Estudos João XXII – Jesuítas de Bellvitge Construindo uma nova cultura educativa através de novas práticas organizacionais e pedagógicas	10
Col.legi CreaNova Um Horizonte de Esperança	21
Col.legi Mare de Déu dels Àngels (Trans)Formação educativa ao serviço da condição humana	29
Col.legi Montserrat Atrair o Futuro para o Presente – Inovação e Mudança	39
Escola Infant Jesús – Jesuites Sant Gervasi Um rumo no sentido de um trabalho escolar significativo	48
Escola Pública Riera de Ribes Uma escola centrada na pessoa – o aluno	59
Escola Sadako A mudança, na procura de uma outra forma de organizar a escola para o século XXI	69
Institut-Escola Les Vinyes Da lógica puramente disciplinar à lógica do projeto - dando sentido às aprendizagens	78
Instituto Mongròs Uma escola pública inovadora	89

Sistema educativo espanhol: breve explicitação e glossário

O sistema educativo espanhol organiza-se em três ciclos: Primária, Ensino Secundário Obrigatório e Bacharelato. Na figura 1 compara-se o sistema educativo espanhol com o português.

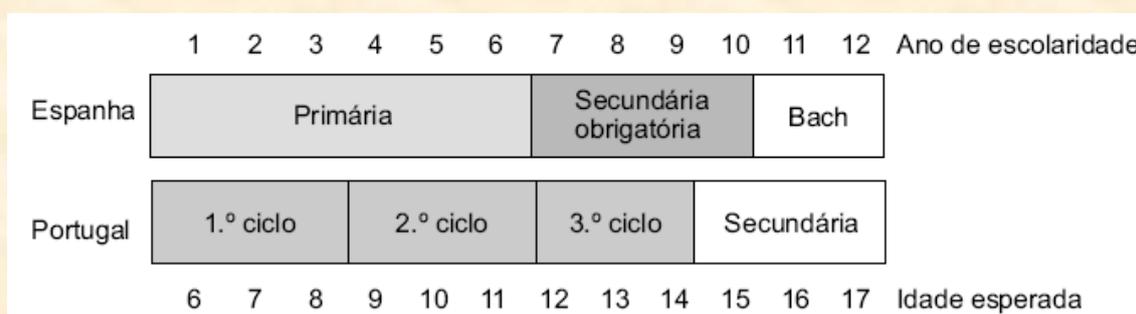


Figura 1: Comparação dos sistemas educativos português e espanhol

BACHILLERATO – Etapa do sistema educativo espanhol que corresponde ao 11º e 12º anos; via de acesso ao ensino superior.

ESO – Ensino Secundário Obrigatório

MOPI – No projeto educativo dos Jesuítas da Catalunha, Modelo Pedagógico da Etapa Infantil

NEI – Nova Etapa Intermédia, pensada no modelo dos Jesuítas da Catalunha (cf. Figura 2)

TQE - Terceiro e quarto anos do ensino secundário obrigatório

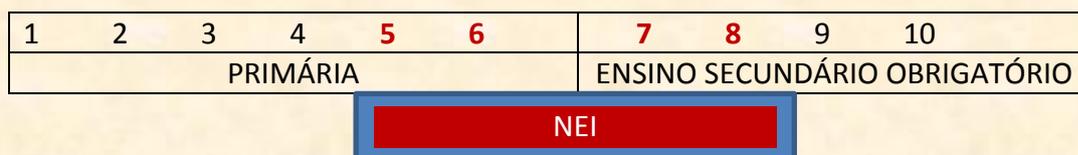


Figura 2: Composição da Nova Etapa Intermédia (NEI)

Uma nova *gramática escolar* em ação - Ensaio compreensivo das possibilidades

José Matias Alves e Ilídia Cabral

(CEDH - Centro de Estudos em Desenvolvimento Humano, Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Educação e Psicologia)

Nenhuma regra geral, nenhum princípio universal virão já guiar a ação de mudança. Esta é uma ação política, no pleno sentido do termo, que não releva de uma lógica de otimização nem mesmo de maximização. Enquanto ação política, vai buscar a sua racionalidade e a sua legitimidade só aos atores que a têm e que a inscrevem num contexto, isto é, a um sistema de atores empíricos com as suas características, as suas estruturas de poder, as suas capacidades e as suas regras do jogo. Como toda a ação política, ela pode certamente alimentar-se de princípios e de valores de alcance geral: mas não são unicamente esses valores que a justificam e a legitimam, é a sua capacidade de transformar efetivamente no sentido desejado a estruturação do sistema de atores em questão, ou seja, são os seus resultados.

(Friedberg, 1995)

Na última semana de março de 2017, um alargado grupo de professores de escolas portuguesas participou no [II Simposio Internacional Barcelona | Educación | Cambio](#), dedicado à inovação e mudança educativa. Do [programa](#) constava uma visita de estudo a 9 escolas da Catalunha (situadas na cidade de Barcelona e arredores) e que tinham alguma inovação a mostrar. Observe-se que a maioria destas escolas era de afiliação jesuíta, mas havia também escolas públicas e escolas privadas laicas. Estas visitas ocuparam três manhãs do Simpósio.

Aproveitando a presença de colegas portugueses, foi-lhes lançado o desafio de fazerem uma narrativa do que tinham observado, juntando imagens recolhidas e seguindo um roteiro flexível. Esta publicação é fruto da generosidade de nove professores que aceitaram ser autores das narrativas de cada uma das nove escolas visitadas.

Nesta nota introdutória, seja-nos permitido sistematizar as dimensões morfológicas, sintáticas e semânticas que viabilizaram o funcionamento de uma *gramática escolar* renovada.

A evidência primeira (a tese) que importa destacar é que é possível uma outra forma de escolarizar as crianças e os adolescentes. É possível outra forma de fazer aprender os alunos. É possível outra forma de organizar e desenvolver o currículo, outras formas de organizar o trabalho pedagógico de professores e alunos, outra forma de gerir espaços e tempos, fora da velha ordem industrial. Estas possibilidades (que são tendencialmente comuns às nove escolas, não obstante a existência de algumas diferenças) estão ancoradas num conjunto de fatores que passamos a enunciar (seguindo alguns dos ensinamentos de Hopkins e West, 1994):

i) **As pessoas.** As pessoas estão no centro do processo de escolarização. Os dirigentes sabem que a escola não melhorará se os professores não evoluírem individual e coletivamente. Ainda que os professores realizem individualmente grande parte do seu trabalho, se o estabelecimento de ensino, no seu conjunto, pretende melhorar, devem existir muitas oportunidades de encontro, de debate, de partilha para que os docentes aprendam juntos e assim se desenvolvam pessoal e profissionalmente. Isto foi particularmente evidente na generalidade dos casos.

No caso das escolas jesuítas são conhecidos os famosos 5 C que fundam, orientam e iluminam a ação:

Educar pessoas

Competentes

Conscientes

Compassivas

Comprometidas

Criativas

A ação profissional dos professores é tendencialmente orientada por este forte sentido teleológico. Os professores existem para estarem ao serviço das pessoas dos alunos, ao serviço das aprendizagens pessoais e sociais de natureza cognitiva, afetiva, social, emocional. Respira-se o axioma de que *todos podem aprender*. E toda

a organização pedagógica se funda e fundamenta para tornar verdade este princípio.

Este sentido de comunidade humana de aprendizagem é uma marca nítida das organizações visitadas.

ii) Currículo. Sim, as pessoas. Mas pessoas que aprendem, que fazem do conhecimento a pedra angular do futuro. Sabe-se que sem conhecimento não há liberdade, não há inclusão, não uma ordem democrática e participativa. Por isso, tudo tende a estar organizado para que os conhecimentos sejam apropriados, produzidos, pesquisados, partilhados. Mas estes conhecimentos não se constituem como um *currículo único pronto-a-vestir*, padronizado e estandardizado. As escolas reconstroem o currículo prescrito em função dos alunos concretos. E, nas realidades observadas, é uma invariante pedagógica o recurso sistemático a um desenvolvimento curricular baseado em projetos de natureza interdisciplinar e transdisciplinar. Há, neste domínio, diversas possibilidades: há quem na NEI dedique 60% do tempo semanal a atividades de projeto (restando 40% para trabalho ordenado segundo a lógica disciplinar); há quem dedique 60% do tempo semanal a práticas de base disciplinar (podendo embora aí também aí existir trabalho de *projeto*) e 20% a projetos de âmbito disciplinar (por áreas disciplinares contíguas) e 20% a projetos transdisciplinares que reúnem durante 15 dias 6 ou 7 professores que trabalham com os alunos num trabalho pedagógico de produção (todos os projetos geram um produto específico, instituindo-se, assim, a passagem de uma pedagogia do consumo para uma pedagogia da produção e da transformação).

Neste quadro de desenvolvimento curricular tende a não haver manuais. Os recursos são produzidos pelos professores, havendo o recurso sistemático à internet, ao trabalho de pesquisa, aferição e partilha.

iii) Espaços. Embora haja alguma diversidade nesta variável, os espaços tendem a ser amplos (no caso dos Jesuítas é um padrão), permitindo alguns deles reunir entre 50 a 60 alunos cujo trabalho de projeto é supervisionado e orientado por três professores. Contíguo a este grande espaço há dois pequenos espaços nos topos que permitem um trabalho mais resguardado em pequenos grupos.

A amplitude dos espaços obriga a uma interação entre os professores (e a uma planificação conjunta), obriga a uma descentração face à pedagogia do *magister dixit* (aqui impossível), força a agrupar os alunos em pequenos grupos de 3 a 4 alunos que têm de estar numa atitude e numa disposição de projeto e de produção. Em muitas salas, as paredes (e as portas) são de vidro o que aumenta a transparência, a luminosidade e a observação do que se está a fazer. E, neste cenário espacial, os professores são mediadores, catalisadores, agentes de monitorização, *feedback* formativo, gestores de aprendizagens.

iv) Tempo. O tempo tende a não ser tão esmigalhado adotando-se uma duração maior. E compreende-se que possa ser assim porque neste tempo os alunos não estão passivamente sentados a ouvir. Eles podem mover-se, podem interagir. O tempo de projeto, sendo de implicação é também de atenção.

Ainda nesta variável, a generalidade das escolas começa o dia com 10 a 15 minutos de tempo comum de reflexão. É uma forma possível de gerar a sintonia, a preparação para a aprendizagem, a focalização num sentido educacionalmente relevante.

v) Agrupamento de alunos. A unidade turma de 20 ou 30 alunos perde relevância e deixa de ser a única unidade de referência organizadora. Como vimos, podemos ter na maior parte do tempo semanal grandes grupos de 50 a 60 alunos. As interações são por isso muito maiores e mais ricas. As oportunidades de encontro e de interconhecimento elevam-se. A lógica da segmentação e da segregação dilui-se.

É certo que nem todas as escolas adota esta solução, mantendo a turma tradicional embora a trabalhar segundo lógicas pedagógicas diferentes.

vi) Modos de trabalho pedagógico. Esta é a principal singularidade do *modus operandi* destas escolas que usam uma “tecnologia intensiva” para gerar a implicação e a aprendizagem. Como já referimos, não há aqui a *cadeia de montagem, a exposição sistemática, o professor no centro a debitar um discurso*. A lógica organizadora é colocar os alunos em ação fazendo lembrar o princípio

pedagógico tão antigo proclamado no início do século XX por John Dewey, do *learning by doing*. A pedagogia é aqui a mãe de todas as promessas de libertação e de emancipação. Uma pedagogia da autonomia, da responsabilidade, da interação, do contrato, e que tão bons resultados parece gerar.

vii) Tecnologias digitais. Em praticamente todas as escolas os alunos, desde o final da primária (5º e 6º anos) usam *tablets* ou computadores pessoais como instrumentos basilares de trabalho, substituindo os manuais clássicos. Não quer isto dizer que não haja papel. Há muitos produtos produzidos manualmente e que estão expostos nas paredes das salas e dos corredores.

viii) Um tempo de professores. As escolas visitadas são possíveis porque têm professores que se dispuseram a ser autores, a ser criadores de novas possibilidades educativas. Porque quiseram ser professores numa outra inscrição profissional que lhes mais sentido. Porque viram que o trabalho colaborativo pode ser gratificante e uma forma de fuga à solidão e à angústia profissional. Porque viram a alegria no rosto e no coração dos seus alunos e isso é o seu principal alimento. Porque sabem, pelo saber da experiência feita, que outra escola é possível. Mais humana, mais atenta, mais próxima de realizar o potencial de cada ser humano.

No final desta nota, regressamos à inscrição de Friedberg (1995): esta é uma realidade eminentemente política desejada e gerada pelos atores, pelas suas vontades, interações, estruturas que criam para que a vida tenha um outro sentido e um outro sabor.

Referências:

Friedberg, E. (1995). *O Poder e a Regra- Dinâmicas da acção organizada*. Lisboa: Instituto Piaget.

Hopkins, D.; Ainscow, M. (1994). *School Improvement in an Era of Change*. London: Cassel.

Consulte [aqui](#) informação mais completa sobre o projeto de Mudança Educativa dos Jesuítas da Catalunha.

Centro de Estudos João XXII – Jesuítas de Bellvitge | Construindo uma nova cultura educativa através de novas práticas organizacionais e pedagógicas

José Matias Alves

(jalves@porto.ucp.pt, Universidade Católica Portuguesa, CEDH - Centro de Estudos em Desenvolvimento Humano, Faculdade de Educação e Psicologia)

Introdução

Este texto tem como objeto dar conta da visita de estudo realizada no dia 28 de março de 2017 ao Centro de Estudos João XXII – Jesuítas de Bellvitge no âmbito do *II Simposio Internacional Barcelona | Educación | Cambio* e organiza-se nas seguintes partes: explicita em termos sintéticos o conteúdo anunciado no *site* do Simpósio, dá conta da imagem global recolhida e de uma perceção global, regista as *inovações* observadas, procura apreender as disposições das pessoas com quem interagimos, enuncia apropriações possíveis para a escola portuguesa e retira algumas conclusões que decorrem da teoria e do observador e que podem inspirar a ação das escolas, das políticas e dos professores.

A imagem narrada

No site do Simpósio esta escola é apresentada sumariamente do seguinte modo:

Jesuítas Bellvitge – Centro de Estudos João XXIII é uma das oito escolas que faz parte da Fundação Jesuítas Educação na localidade de *L’Hospitalet de Llobregat, en Bellvitge*, um bairro com 50 anos de história, praticamente os mesmos que o Colégio. A origem *obreira* e a idiosincrasia do contexto sociocultural marcam por completo as suas características.

Os ciclos educativos vão da educação de infância até à secundária pós-obrigatória com o ensino secundário (*bachillerato*) e os ciclos formativos de grau médio e superior. O colégio aposta numa transformação da educação conjugando os valores da pedagogia e da espiritualidade inaciana e tendo em conta os contributos mais recentes da neurociência, da psicologia e da pedagogia.

No ano de 2015-16 começou a aplicar o MOPI [Modelo Pedagógico de Infância], o novo modelo de pedagogia aplicado à etapa da educação de infância, aproveitando espaços grandes e muito estimulantes, partilhando projetos e aproveitando ao máximo o potencial do jogo. Aposta-se na estimulação das inteligências múltiplas já nesta idade trabalhando com a diversidade de possibilidades que esta etapa de crescimento oferece em termos de aquisição de diversas linguagens: verbal, matemática, artístico-plástica, musical, corporal.

No ano de 2016-17, iniciam a aplicação da NEI nos 5º e 6º ano da primária (10 e 11 anos), seguindo o modelo dos Jesuítas Educação, marcado pelos seguintes aspetos essenciais: i) aluno no centro do sistema e protagonista da sua aprendizagem; ii) professor como guia, elemento chave no acompanhamento do aluno; iii) agrupamento amplo de alunos, atenção à diversidade e docência compartilhada; iv) trabalho por projetos; v) trabalho colaborativo em equipa, envolvendo alunos e professores; vi) avaliação dinâmica de processos e resultados; vii) incorporação sistemática das ferramentas TIC; viii) visão multicultural, internacionalizadora e plurilingue; ix) integração transversal dos valores e espiritualidade *inacianos*¹; as famílias apoiam e participam ativamente no processo de aprendizagem.

Página web: www.ioan23.fje.edu/

Ideia geral recolhida

¹ A base da Pedagogia Inaciana inspira-se nos exercícios espirituais de Santo Inácio de Loyola e agrega toda a experiência inaciana no ensino até os dias de hoje. A proposta pedagógica promove experiências de ensino e aprendizagem voltadas para a vida, isto é, para os valores humanos e espirituais, construídos para darem sentido à experiência por toda a vida. De forma esquemática, podemos sintetizar a Pedagogia Inaciana a partir dos seguintes elementos: contexto, experiência, reflexão, ação e avaliação.

Na visita realizada confirmou-se que o colégio tinha em marcha um novo projeto educativo no ciclo infantil e nos dois últimos anos da primária (5º e 6º ano) no que os jesuítas designam a NEI – Nova Etapa Intermédia – caracterizada por pretender assegurar a passagem mais articulada e integrada do fim do ensino primário e o início do secundário obrigatório (7º e 8º ano).

Os espaços alocados à intervenção nestes níveis educativos estão espacialmente marcados com cores identificativas que pretendem, no domínio simbólico e prático, criar uma identidade e induzir à adoção de uma mudança de disposição, da atitudes e de práticas. Trata-se de uma inovação *incremental* que só se aplica a dois ciclos de estudos e de forma progressiva, podendo-se afirmar que, também nesta escola, há (pelo menos) duas escolas distintas: a que segue a *velha* gramática e a que adota a *nova*.

Perceção global

Do clima de escola

O clima de escola nas duas áreas observadas parece positivo. Nas duas salas do MOPI observadas, as crianças estavam organizadas em dois grupos na mesma sala, com dois educadores/as, num total de cerca de 40 crianças por sala. Todos pareciam envolvidos no trabalho que estava a ser realizado.

No 6º ano [último da primária, segundo da NEI], observamos cerca de 60 alunos num espaço amplo a trabalhar em grupos de 4 elementos. O ambiente era de pesquisa e produção autónoma monitorizada por 3 professores. O projeto que todos estavam a desenvolver era sobre os refugiados.



Figura 1 – visão global da grande sala

Da estratégia geral de inovação e mudança

A estratégia é comum a todos os colégios jesuítas envolvidos. Formação inicial de professores² que se voluntariam para o projeto, construção de projetos (conceptualização, produção de materiais específicos....), monitorização do processo na rede dos oito colégios, lideranças próximas e inspiradoras, alteração radical de algumas regras da *gramática escolar* [sobretudo na NEI], implicação e compromisso pessoal e profissional. Os professores em ação mudaram de crenças (sobre a missão da escola, a sua própria missão, o papel dos alunos...), mudaram de práticas (de transmissores para organizadores de conhecimento, mediadores de aprendizagem), mudaram de cultura profissional (de funcionários de um sistema padronizado e desautorizante para profissionais criadores e autores).

² Os educadores e professores que quiseram aderir ao projeto foram substituídos nas suas aulas por um período de entre 3 a 6 meses para poderem, nesse espaço de tempo, estar inteiramente dedicados à formação.

As inovações observadas

A inovação mais evidente tem a ver com os espaços. Têm uma área bastante maior do que as chamadas salas de *aula normal (AN)*. No MOPI as salas têm o dobro do espaço usual (digamos cerca de 40 a 50 crianças) que constituem um grande grupo que trabalha com dois (ou três) educadores presentes. Este grande grupo pode ser dividido em grupos de trabalho com configurações diferentes em função de projetos e atividades específicos. Há ainda um grande espaço aberto onde todas as crianças e educadores podem interagir e que permite múltiplas ações e aprendizagens de natureza sobretudo informal.



Figura 2 – Espaço multiusos do MOPI

Na NEI há um grande espaço de *aula* que comporta cerca de 60 alunos, dois espaços pequenos no topo da sala, envidraçados, de modo a permitir completa visibilidade de e para o espaço mais amplo de sala, que são utilizados para trabalho de docentes ou apoio tutorial a alunos específicos. Este tipo de trabalho pode ser realizado ao mesmo tempo que o grande grupo de alunos se encontra a trabalhar no espaço mais amplo.

O espaço é atópico, descentrado. Os alunos trabalham em grupos de 4, de forma relativamente autónoma. Esta estrutura espacial e esta presença de educadores e professores permite configurações mais flexíveis de grupos e alocações específicas educadores/alunos.

Sobretudo na NEI, os modos de trabalho pedagógico são muito diferentes dos que prevalecem num modelo escolar mais tradicional. Predomina o trabalho em equipa, a entejuda, a pesquisa orientada, a produção de conhecimento a partir de fontes que são disponibilizadas.

O recurso à internet é regular e sistemático. O trabalho em projetos integradores é uma marca distintiva. Estes ocupam, no ano observado (o 6º, o último da primária), um lugar relevante e são curricularmente estruturados e planeados, permitindo o trabalho autónomo e em grupos pequenos. Este tipo de trabalho não dispensa o trabalho de base disciplinar nos casos das línguas, educação física, matemática.

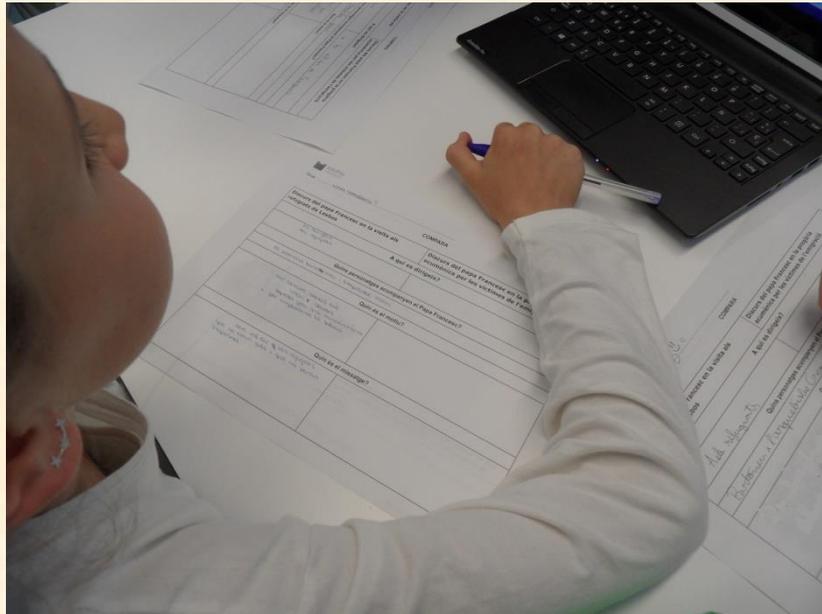


Figura 3 – Trabalho por projetos

A avaliação articula um conjunto alargado de critérios que vão muito para além dos académicos. A comunicação dos processos e resultados educativos faz-se através de suportes informativos ricos e fáceis de entender.

A nível pedagógico, salienta-se:

- a organização e gestão mais autónoma, flexível (e profissional) do currículo;
- estratégias de gestão do trabalho em sala de aula, colocando os alunos em aprendizagem colaborativa e processo de pesquisa;
- as estratégias de ensino são pensadas para gerar aprendizagens relevantes;
- a avaliação é multicriterial.

Ao nível dos recursos pedagógicos mais frequentemente mobilizados salienta-se:

- a configuração e o uso dos espaços;
- o recurso a *tablets* e computadores pessoais;
- o uso de métodos ativos e interativos.

As pessoas

Caracterização das lideranças

A liderança parece assumir o papel de construtora de uma visão unificada, de mobilização para uma ação pedagógica *consentida*, de partilha e empoderamento dos atores.

Disposições de professores

Nesta visita tivemos oportunidade de conversar brevemente com alguns professores. Estes assumem o papel de mediadores e de guias de aprendizagem, focalizam-se nos processos de aprendizagem dos alunos e estão conscientes de que têm de contribuir para formar pessoas:

Competentes

Conscientes

Compassivas

Comprometidas

(os 4 “Cs” que norteiam o processo de ensino / aprendizagem)

O trabalho que realizam é intenso (na 1ª etapa NEI trabalham 25 horas letivas + 5 de trabalho não letivo no colégio) mas, aparentemente, realizam-no de forma gratificada. As cinco horas de trabalho não letivo são empregues de forma diversificada, mas servem sempre para planificar em conjunto a ação educativa.

Disposições de alunos

Os alunos da 1ª etapa da NEI estavam em processo de trabalho, sabiam o que estavam a fazer e compreendiam o sentido do seu trabalho. Na semana da vista estavam a fazer um projeto de curta duração sobre os refugiados. Possuíam um roteiro de trabalho que tinham de preencher em equipa e as fontes de informação estavam disponíveis na Net.

Disposições dos pais

No caso dos pais, não houve recolha de evidências que ilustrassem a sua posição. Só indiretamente se pode colocar a hipótese de que estarão sintonizados com o projeto educativo do colégio.

Outras dimensões relevantes observadas

Talvez seja de sublinhar que a força do projeto advém do sentido de pertença a uma rede de colégios Jesuítas da Catalunha que se dotou de uma organização de suporte. Para além de um diretor-geral, cada foco de intervenção tem um responsável pela coordenação. O conjunto dos responsáveis integram o Conselho do Modelo Pedagógico em curso, como se pode observar na imagem seguinte:

EL CONSEJO DEL MODELO PEDAGÓGICO

El Consejo del Modelo Pedagógico (CMP) de Jesuites Educació es el órgano que da coherencia y profundidad al trabajo pedagógico vinculado al desarrollo del Horitzó 2020 en las seis etapas y las ocho escuelas de la red.

“Qué bien que este mundo puede contar contigo”



Joan Blasco
Director del Modelo Pedagógico de JEducació

Entrevistamos a Joan Blasco, director del Modelo Pedagógico de Jesuites Educació.

¿A qué necesidad responde la creación del CMP?

Puestas en marcha las dos primeras experiencias piloto del MOPI y de la NEI, el desarrollo del H2020 ha entrado en una segunda fase en que es necesario validar y generalizar las propuestas y los calendarios de nuestro proceso de innovación educativa. El Consejo, formado por las direcciones de las diferentes etapas en red y de las experiencias piloto, es quien desarrolla esta tarea armonizadora, de profundización y propuesta.

¿Cuál es la ubicación funcional del Consejo dentro de la red?

El CMP forma parte de una triada constituida también por el Consejo de Directores y el Consejo de Gerentes. Estos tres órganos conforman finalmente el Consejo General y tienen una mirada y una acción global y transversal sobre las 6 etapas y las 8 escuelas de la red de JE.

¿Cómo ha sido la experiencia del primer año del Consejo? ¿Con qué evidencias os habéis encontrado?

La experiencia ha sido muy buena. Hemos constatado que las escuelas tienen más aspectos en común de lo que imaginábamos en un principio. Y también hemos visto que los elementos centrales del MEJE responden a convicciones y evidencias educativas muy adaptables a todas las etapas. El trabajo matricial, por su lado, nos está permitiendo asegurar la excelencia de las propuestas porque no las estamos produciendo en modo genérico: como decíamos antes, cada etapa y cada escuela adapta las innovaciones vehiculadas por el CMP a su entorno específico.

El próximo curso, después de muchos años de cargo, dejarás la dirección de JSGervasi para dedicarte plenamente a la dirección del Modelo Pedagógico de JE. ¿Cómo lo vives?

Con naturalidad y con agradecimiento por los muchos aprendizajes y experiencias vividos a todos los niveles en mi etapa en el Infant Jesús. Por otro lado, la satisfacción que siento hoy es muy grande: poder participar en la transformación de la escuela del siglo XXI con un equipo humano tan bien preparado y comprometido es un privilegio.

¿Cuáles son los retos que en estos momentos el H2020 nos plantea?

Con el MEJE hemos situado al alumno en el centro de la escuela, y eso es un gran acierto. Ahora tenemos que situar al educador a su lado. En el proceso de innovación disruptiva en el que estamos inmersos es crucial recrear o priorizar algunos aspectos de los roles y funciones de los educadores para hacerlos aún más valiosos. Y esto pasa por ofrecerles la oportunidad de continuar su desarrollo vital e invitarlos y darles espacio para la transformación profesional al servicio de la persona y de la escuela que queremos. Lo hemos visto en los PIEPS: damos tiempo y acompañamos a los equipos de educadores a reconectar con su vocación y a vivir con emoción revitalizada y con un papel protagonista su rol dentro de la escuela. Y es que para hacer música no basta con escribir una partitura: la música solo se produce cuando los músicos interpretan sus notas.

¿Con qué palabras cerrarías el Periódico? ¿Algún mensaje para alumnos, educadores y familias de JE?

Celebramos que la transformación ya es una realidad y que no solo estamos transformando la escuela... Porque todos, de una forma u otra, también nos estamos transformando, porque el H2020 es una invitación humanizadora y de sentido que llega a todos los rincones de la red (incluida la red neuronal, emocional, física y espiritual de todos nosotros). ¡Seguimos!



- 1 Dolors Solsona, directora del MOPI
- 2 Guillem Fàbregas, director de la NEI
- 3 Miquel Amor, director del CETEI
- 4 Pepe Menéndez, director de FP
- 5 César Martín, director de los profesionales de orientación psicopedagógica
- 6 María Àngels Brescó, directora de Primaria
- 7 Minerva Porcel, directora del TQE
- 8 Joan Blasco, director del Modelo Pedagógico
- 9 Pere Fons, secretario del Consejo
- 10 Glòria España, directora de Bachillerato
- 11 Xavier Dalmau, director adjunto de FP
- 12 Núria Gonzalo, directora de ESO (ausente en la fotografía)

Consejo del Modelo Pedagógico

¿Cómo trabajan las direcciones de etapa con las direcciones de las escuelas?

Practicamos la gobernanza matricial. Combinar los dos vectores (modelo pedagógico y contexto social) nos permite aterrizar el Modelo Educativo de JE (MEJE) con coherencia y personalización en cada centro. Y nos pide, a la vez, aprender constantemente reforzando nuestra comunicación y trabajo conjunto.

Figura 6 – Conselho do Modelo Pedagógico

Apropriação possível para a *escola portuguesa e condições de êxito.*

Há diversos aspetos passíveis de ser incorporados nas práticas educativas das escolas portuguesas. Desde logo, a ideia-base de que a educação tem de estar ao serviço das aprendizagens de todas e cada uma das pessoas. E isto significa que o foco do processo de ensino / aprendizagem deixa de estar no programa e passa a estar na Pessoa. Esta é a ideia-guia, devendo tudo resto subordinar-se a este princípio. É um saber e um sabor que têm de estar conjugados. E é uma ação profissional que tem de estar sintonizada com este propósito basilar. Para isso, os professores têm de se posicionar para estar ao serviço deste valor humano essencial. E para isso, têm de colaborar, construir recursos específicos, ser autores desta construção e deste horizonte.

A organização do tempo semanal também pode fugir (ainda que parcialmente) à lógica puramente disciplinar. É possível trabalhar em equipa educativa para / com um grande grupo de alunos. É possível gerir mais flexivelmente os alunos de um ano de escolaridade e adequar a oferta educativa às suas necessidades de aprendizagem. É possível uma liderança distribuída e empoderadora. É possível uma escola de trabalho, de esforço e de alegria que escape ao tédio do aborrecimento.

Col.legi CreaNova | Um Horizonte de Esperança

Helena Rodrigues

(Co-fundadora da Rede Educação Viva: <http://www.educacaoviva.pt/> | Coordenadora do Núcleo Almada Seixal: redalmada@educacaoviva.pt)

O Col.legi CreaNova é um projeto muito inspirador que perspetiva o ser humano – crianças, jovens e adultos – de forma integral e multidimensional, fomenta amplamente a dimensão colaborativa e contempla uma forte componente social.

Introdução

Este texto emerge no âmbito do II Simpósio Internacional Barcelona | Educación | Cambio aquando da visita que realizei ao Col.legi CreaNova no dia 29 de Março de 2017. Nele irão encontrar informações recolhidas através do testemunho que a diretora realizou ao longo da visita, bem como, fruto de observação direta e interações com alguns pais que estiveram presentes. Por uma questão de tempo a visita focou-se essencialmente nos espaços e abordagens ao nível do Jardim de Infância e do Secundário.

Ao longo da visita procurei encontrar vários elementos que pudessem servir de inspiração e fundamentação para o processo de transformação que algumas escolas públicas dos concelhos de Almada e Seixal estão a iniciar.

A imagem narrada

O Colégio CreaNova é um centro privado que integra Educação Infantil, Primária e Secundária. A escola é um “hub” educativo, social, cultural, artístico e tecnológico onde se promove a criatividade e a criação de recursos para o futuro. Este modelo de educação autodidata representa uma proposta inovadora, cujas principais características são:

- Aprendizagem autónoma e oferta formativa;
- Esta oferta formativa no secundário está organizada por projetos;
- Os projetos, os espaços e os materiais estão à disposição dos jovens. São estes que definem se querem e no que querem envolver-se.

- Os(as) professores(as) estabelecem limites para o desenvolvimento dos projetos, para o uso dos espaços e dos materiais;
- Os limites podem resumir-se a: respeito pelas pessoas, pelos espaços e pelos materiais.

É de suma importância o compromisso que cada jovem assume no sentido de se tornar cada vez mais responsável. Um dos seus primeiros compromissos é conhecer o Currículo Nacional e familiarizar-se com a lista de objetivos que tem de levar a cabo ao longo do ano letivo, elaborando um documento pessoal que será o seu guião e que será utilizado como ferramenta de reflexão e auto avaliação no processo de aprendizagem individual.

No ensino secundário encontram-se disponíveis duas tipologias de projetos:

1. Projetos *Bottom-Up*: são propostas individuais ou de pequenos grupos. Tratam-se de atividades propostas por um jovem ou por um grupo de jovens orientadas para satisfazer os interesses e inquietações pessoais (por exemplo, “Gostaria de aprender Havaiano!” ou “Queremos construir um campo de futebol!”)
2. Projetos curriculares transversais *Top-Down*: os professores propõem projetos alinhados com as competências curriculares da sua área.

A capacidade de gerir bem o tempo e organizar atividades, trabalhar individualmente e em equipa - com iniciativa e criatividade - são os verdadeiros valores que a linha educativa CreaNova aporta.

Ensino: Infantil, Primária, Secundária e Bacharelato.

Página web: www.collegicreanova.org/

Ideia geral recolhida

Das 3 escolas que visitei esta foi a que mais me encantou. Não tanto pelo edifício em si mas pelo jardim onde podemos observar diversas áreas lúdicas com construções naturais, pelo ambiente familiar, descontraído e alegre, pela comunicação fluida e tranquila entre todos, pelos espaços amplos, organizados e cheios de vida. Sente-se que adultos, crianças e jovens vivem o dia-a-dia curiosos e felizes movimentando-se em pantufas de um lado para o outro como se estivessem em casa!



Percepção global

Neste eixo irão encontrar os registos que realizei durante o tempo da visita organizados de forma orgânica seguindo a sequência de tempo e espaços por onde fomos passando.

Estivemos reunidos na biblioteca com a diretora Olga que nos recebeu de forma acolhedora e nos deu uma perspetiva geral de como funciona a escola. Foi-nos dito que poderíamos tirar fotografias, mas que não poderiam mostrar crianças ou jovens. É compreensível, mas desta forma não se consegue mostrar a dimensão humana e colaborativa que podemos sentir em todos os espaços!



Na sua visão, o problema do contexto atual não são as crianças ou os jovens, pois eles são um espelho do contexto envolvente, então há que pensar em transformar os formatos tradicionais.

A filosofia deste projeto baseia-se na abordagem de Maurício e Rebeca Wild que fundaram um projeto pioneiro de **pedagogia ativa** na América Latina nos anos 70 inspirado em várias pedagogias inclusive na visão do pedagogo suíço, Johannes H. Pestalozzi.

Rebeca Wild escreveu diversos livros entre eles, “Educar para ser”, “Liberdade e limites, amor e respeito”.

Alguns dos eixos desta pedagogia são:

1. Preparar espaços onde os alunos de diferentes idades possam desenvolver as suas capacidades e fazer aprendizagens significativas;

2. Desenvolver a autonomia deixando fazer quando as crianças/jovens revelam maturidade;
3. Amorosidade na relação e na comunicação;
4. Estabelecer limites claros.

As crianças e jovens sabem quais são os objetivos do currículo, mas cada uma vai atingi-los ao seu ritmo e com diferentes ferramentas. Ou seja, os professores apresentam os objetivos, as ferramentas disponíveis e disponibiliza-se para o que a criança/jovem precisar, perguntando-lhes “O que queres fazer?!”.

INFANTIL, respira-se um ambiente tranquilo e relaxado, sem esquecer da importância de respeitar os limites estabelecidos...

Os 4 eixos de base são:

- Aprender a relacionar-se (o adulto medeia para evitar conflitos fazendo de “espelho”), respeitando o que quero mas também respeitando o que o outro quer;
- Desenvolver a autonomia: comer, vestir, lavar, andar descalços e calçar, etc.;
- Aprender a ler;
- Desenvolver a motricidade fina para ajudar no processo de escrita.

Outro pilar de base é o **trabalho ao nível do desenvolvimento pessoal, emocional e relacional** para que sejam desenvolvidas as competências necessárias para a adaptação a qualquer contexto – ingressar num formato tradicional, ir morar noutra país, criação de soluções para necessidades sociais imprevistas, etc. Ou seja, é mais importante que os jovens se possam preparar para um mundo que está em transformação e que não sabemos como vai ser, do que sermos nós a prepará-los para o mundo como o conhecemos.

ATIVIDADES

“**Bing**”, este é o momento que pode acontecer a qualquer hora do dia onde um professor lança um jogo e vai quem quer. Todos os dias acontece o momento do conto, até ao último momento a história e quem é o contador são surpresa para manter a curiosidade e o entusiasmo!



Foi criado um dispositivo para promover a escrita e a leitura para crianças a partir dos 4 anos, é um “whatsapp analógico”. Esta é uma forma de aprenderem a ler e a escrever porque querem enviar mensagens umas às outras.

Não há uma hora definida para o recreio, quando querem sair saem e são as crianças/jovens que têm que aprender a gerir o seu tempo. É uma dimensão que fomenta fortemente a auto regulação... se faltam a cursos em que se inscreveram isso fica registado e é uma informação para o processo reflexivo de avaliação, e por exemplo se se atrasam para um encontro de trabalho de grupo estão a atrasar os colegas e se assim for correm o risco de ter de mudar de grupo e/ou projeto.

De salientar que **não existem castigos**, mas sim uma abordagem que contempla um processo natural de consequências (que passa por um momento de reflexão com o tutor e com o grupo do qual de faz parte) de acordo com as escolhas realizadas.

Fomenta-se amplamente a entre ajuda. Naturalmente as crianças entre ajudam-se, quando uma não sabe e a outra já sabe juntam-se criando-se assim laços mais estreitos de relação e aprendizagem mais eficazes.

Independente dos temas/áreas de aprendizagem é essencial o significado das aprendizagens, ou seja, não se aprende uma equação ou fórmula sem se conhecer a sua história, contexto, sentido e para que serve.

Quando um aluno tem interesse num tema que está para além dos definidos no seu currículo, pode ir frequentar projetos e grupos mais avançados.

Habitualmente **são os professores que propõem projetos**, mas os alunos também podem apresentar propostas para novos projetos elaborando um plano do que vão precisar. Estes projetos e pesquisas nascem a partir de perguntas que precisam de respostas, começam com o “como” e depois passam para o “porquê”.

A escola conta com a **colaboração de professores** universitários que aqui dão aulas pois existem projetos bastante desafiantes e com temas específicos e também porque aqui sentem levar mais além juntos com os seus alunos, os conhecimentos que já têm.

Ao final do dia crianças e jovens escrevem sobre o que fizeram durante o dia. Este registo é um momento de escrita e leitura acompanhado pelo tutor.

Para os alunos que vieram do ensino tradicional foi necessário realizar um processo de transição para passarem da dependência para a plena autonomia.

Inicialmente os pais revelam várias dúvidas porque não aprenderam assim, neste sentido é essencial que estejam integrados no processo de aprendizagem dos filhos em especial até perceberem que neste formato até se aprende mais do que é habitual.

Fotografias:



GRUPO DE TRANSIÇÃO, secundário. Nesta etapa os jovens organizam-se de forma a sentir se o novo grupo em que estão inseridos é ajustado a si.

Nesta faixa etária (12 aos 16 anos) as assembleias têm um papel imprescindível para chegarem a acordos em grupo, para programar atividades conjuntas e atingir objetivos comuns, resolver conflitos e questionar sempre que necessário as vivências no colégio. A assembleia é gerida de forma cooperativa e colaborativa assentes em princípios basilares de governação, tomadas de decisão e resolução autónoma de conflitos.

Para além das competências básicas estabelecidas para esta etapa: comunicação (linguística, audiovisual, artística e cultural), metodológicas (tratamento de informação e competências digitais, matemática e aprender a aprender) e pessoais (autonomia e iniciativa pessoal), assim como a competência para o conhecimento e a interação com o mundo – sociedade e cidadania – contemplam:

- a) Aprendizagens significativas mediante projetos;
- b) Aquisição de conhecimentos nos conteúdos estruturais;
- c) Aprendizagem em contextos reais;
- d) Aprendizagens transversais;
- e) Capacidade para resolução de conflitos;

- f) Trabalho em equipa;
- g) Aprendizagem de diferentes idiomas.

O principal foco consiste em alcançar e a ampliar o currículo pessoal ao nível de:

1. Trabalho em equipa, gestão da assembleia e aquisição de compromissos individuais com o próprio processo de aprendizagem;
2. Dinâmicas de aprendizagem vivencial mediante projetos transversais propostos pela equipa pedagógica.

A cada trimestre cada aluno assinala no seu caderno pessoal os novos objetivos de acordo com o programa curricular, com os seus interesses e aprendizagens pendentes. Para esta abordagem cada aluno conta com o seu tutor que ajudará a dar uma perspetiva mais ampla entre as necessidades, os interesses e motivações em relação às exigências curriculares. Ao longo do trimestre de forma individual e/ou grupal desenham-se novos projetos e consolidam-se aprendizagens.

Não há trabalhos de casa, mas quando os alunos estão envolvidos numa tarefa e a querem terminar podem levar os afazeres para finalizar em casa.

A avaliação é contínua, a cada semana fazem um processo de auto avaliação em cada matéria. Depois acedem às respostas e veem em que ponto estão, se dominam a matéria ou não. A avaliação não é externa, é o aluno junto com o professor que decidem em reflexão a nota final.

Os formatos disponíveis de avaliação são:

1. Projetos de investigação;
2. Workshops/cursos;
3. Exames;
4. Apresentações.

Quando um ou mais jovens têm dificuldade num tema podem solicitar uma “Masterclass” onde se juntam com um professor para uma aula de esclarecimento ou aprofundamento.

A cada 15 dias cada aluno reúne-se com o seu tutor como tem estado a decorrer a quinzena. Esta informação fica registada numa base de dados e o aluno/professor/pais podem ir consultando.

A participação dos pais no processo de avaliação existe no sentido de se poder apoiar o(s) filho(s) a melhorar no seu processo de aprendizagem. É o jovem que fala sobre o que está bem ou menos bem, diz o que sente que precisa e todos juntos colaboram para uma perspetiva mais alargada. É a partir daqui que se tomam decisões sobre como vai ser o próximo ciclo.

Fotografias:



Conclusões

Procurando fazer a ponte com o contexto das escolas públicas em Portugal parece-me viável a adaptação deste modelo. O foco inicialmente estaria no fortalecimento da dimensão humana e relacional entre professores, alunos, direção, pessoal não docente e pais, de forma a se perspetivar de forma colaborativa a aprendizagem por projetos, sistema de pergunta/resposta com vista a encontrar soluções criativas, revendo o sistema de avaliação atual de forma a integrar novos formatos com maior profundidade, consciência e reflexão no processo.

Col·legi Mare de Déu dels Àngels | (Trans)Formação educativa ao serviço da condição humana

Daniela Gonçalves

(daniela@esepf.pt, ESE de Paula Frassinetti; CEDH da UCP; LIS - Colégio Novo da Maia)

Introdução

O texto que aqui se apresenta tem como finalidade dar conta da visita de estudo realizada no dia 28 de março de 2017 ao Col·legi Mare de Déu dels Àngels, no âmbito do II Simposio Internacional Barcelona | Educación | Cambio. Respeitando a estrutura proposta pelos organizadores desta publicação, contempla, a propósito da instituição visitada, uma abordagem sobre o conteúdo anunciado no *site* do Simpósio e a imagem/perceção global resultado da explicitação das *inovações* observadas, não deixando de apontar modos possíveis da Escola portuguesa se apropriar desta viragem paradigmática em busca de mais e melhor em prol da aprendizagem efetiva e feliz dos alunos.

O início da visita – (Pré)visão

Visitei, pela primeira vez, o Col·legi Mare de Déu dels Àngels no *site* do II Simpósio Internacional Barcelona | Educación | Cambio, onde, de forma sumária, esta instituição educativa disponibiliza as seguintes informações:

Nesta instituição de ensino “concertada” (com financiamento próprio e com apoio do estado), os verdadeiros protagonistas são os alunos e no projeto educativo está bem patenteada a ideia (e a prática) de que os vários saberes – pedagogia, psicologia positiva, neurociência, entre outros – estão efetivamente ao serviço do processo de aprendizagem que é necessariamente personalizado, diverso, experiencial, motivador e compreensivo/apropriado por quem o vive, implicando diferentes itinerários da viagem do aprender, respeitando, deste modo, o ritmo de cada um(a) e as inteligências múltiplas.

O Col·legi Mare de Déu dels Àngels (<http://www.mdangels.org/>) partilha a missão, a visão e os objetivos das Escolas de Natzalet: "formar famílias cristãs através

da educação integral de crianças e jovens”, em colaboração com as famílias, escolas de Nazaré e promover a educação dos seus alunos, através de um ensino de qualidade, enraizado no contexto cultural do país.

O projeto educativo é desenhado/operacionalizado, tendo em conta as seguintes quatro ideias-chave:

- i. *Alcançar uma metodologia de currículo e avaliação que promova desafio e desejo de aprender, em contextos reais, a construção social do conhecimento.*
- ii. *Transformar o papel do professor como um membro de uma comunidade profissional de aprendizagem.*
- iii. *Transformar o papel do aluno como líder e responsável pela sua própria aprendizagem e gestão das suas emoções.*
- iv. *Transformar do espaço, de forma a permitir a aprendizagem.*

Sem dúvida que esta *visita* prévia despertou ainda mais o meu interesse de conhecer, aprender e viver com e neste modo de educar/ensinar tão autêntico, sistémico e integral.

A (*pré*)visão foi pouco previsível, porque a vitalidade e o dinamismo do local, decorrente das pessoas foi deveras e agradavelmente inesperado.

A visita – Visões, perceções, considerações

Ao visitar esta instituição foi possível confirmar que a primeira grande transformação estava já em marcha em todas as etapas educativas, beneficiando os 1200 alunos desde o primeiro ano de vida (*Educació Infantil*) até aos dezoito anos (*Batxillerat*). De acordo com a apresentação da diretora, Madre Mónica Ferré, esta transformação educativa exigiu, necessariamente, muita formação aos 96 docentes para inovar em todo o processo de ensino.

A coluna vertical desde processo de (trans)formação reside no trabalho cooperativo. Tudo é pensado, organizado e operacionalizado com os outros em benefício de uma aprendizagem personalizada e comprometida com o desenvolvimento *inteligente* e autónomo dos alunos, produtores de conhecimento, cidadãos globais e pessoas reflexivas.

Foi particularmente curioso e interessante presenciar a clareza e a vitalidade da diretora na apresentação sucinta deste percurso de inovação e mudança. Nas suas palavras, “se não se preparar os professores, investindo na formação, não vale a pena derrubar paredes...”. Foi também isto que foi confirmado. Apesar de alguns espaços estarem adequados a esta nova identidade, existiam outros, menos ajustados, mas que não obstaculizaram a implementação da referida transformação. Esta instituição educativa engloba três edifícios separados fisicamente mas onde o sentido de pertença ao mesmo projeto, à mesma visão e à mesma missão é claramente perceptível no modo de estar dos colaboradores, pelo modo de aprender e viver dos alunos e pelas marcas, símbolos, imagens, recursos, mensagens que se encontram nos espaços, contrariando a ideia de que mais é menos e que o excesso provoca ruído (visual). Aqui tudo tem significado(s); tudo alerta para o essencial; tudo serve para (re)lembrar o que os une!



Imagem 1 – átrio de um dos edifícios de aprendizagem



Imagem 2 – Parede de um espaço de aprendizagem

Há, portanto, um *ethos* institucional positivo e promotor de relações profissionais competentes, próximas e empáticas, onde muitas vezes a docência é partilhada, visto que os alunos, regra geral, trabalham num espaço amplo, em grupo (máximo 3 alunos), por projetos interdisciplinares, predominando o trabalho em equipa, a entreaajuda, a pesquisa orientada e a produção de conhecimento a partir de

fontes que são disponibilizadas pelos docentes. Normalmente, nestes espaços de aprendizagem envidraçados, descentrados e flexíveis, o rácio de professores por aluno é de três docentes para noventa alunos; não obstante, é visível que os alunos compreendem o que aprendem, comunicando com muita proficiência e enorme desenvoltura (e em todas as etapas educativas) o processo que está a ser vivenciado, não descurando a associação intencional de explorar várias áreas de saber de forma interdisciplinar e integrada. O recurso ao *tablet* é uma constante, com uma utilização ajustada ao trabalho a ser realizado. Este recurso serve até de auxílio às apresentações que os alunos realizaram aquando da nossa visita, bem como em momentos de partilha uns com os outros. Para isso, no mesmo espaço de aprendizagem estão docentes de diferentes áreas que combinam (preparam/planificam) antecipadamente o seu contributo específico e geral para aquele momento no processo de aprendizagem dos alunos. Vejamos várias imagens que servem de ilustração à nossa visão/perceção:



Imagem 3 – Grupos de alunos da *Educació Secundària* no tempo do *Design Thinking*.



Imagem 4 – Alunas da *Educació Primària* a explicitar a pesquisa realizada sobre a União Europeia.



Imagem 5 – Aula de robótica



Imagem 6 – Apresentação de um projeto interdisciplinar

No que diz respeito à estratégia adotada para a avaliação das aprendizagens, salienta-se a pluralidade de critérios simples, claros e perceptíveis por todos, incluindo os alunos. Há uma aposta forte na modalidade formativa, onde o recurso ao *feedback* processual e a autoavaliação são privilegiados, não descurando várias estratégias e recursos: rubricas, portfólios, *visual thinking*, classe invertida, resolução de problemas da vida diária, *steps*, entre outros. No final, e em conselho de docentes, cada professor “especialista” - da área do saber específico - avalia e partilha os seus critérios com os

seus pares sobre um mesmo “produto” construído pelo aluno (a título de exemplo: o resultado do projeto interdisciplinar). É recorrente o trabalho que está a ser desenvolvido ser avaliado quer pelos alunos (através da autorregulação) quer pelos docentes e equipa diretiva. A este propósito, durante a visita à instituição, tive a oportunidade de conversar com a diretora da *primária*, Madre Gloria Fernández, que partilhou comigo: “ainda há pouco tempo fomos a Seattle e trouxemos várias ideias interessantes. Apresentamos, discutimos e implementamos algumas. Fomos sempre avaliando e, no final do ano, foi consensual que os efeitos não eram positivos. De imediato, abandonamos e (re)configuramos novamente a nossa transformação educativa. Tudo se consegue... não podemos é abandonar o rigor”. Aliás, a rede educativa onde esta instituição está inserida é também um modo de validar/regular, constantemente, este *cambio* educativo, visto que regularmente há formação conjunta, onde essencialmente se pensam e constroem materiais, recursos e estratégias que ajudam a implementar o ensino preconizado.

A nível organizativo, e em particular na Educação Pré-escolar, destaca-se as salas sensoriais e artísticas, bem como o ensino da língua inglesa desde a Creche e, ainda, a aprendizagem de violino desde os quatro anos de idade. De realçar, na *primaria*, as aulas de xadrez lecionadas em inglês, assim como o espaço de aprendizagem da robótica.

Já no que respeita à dimensão pedagógica, realça-se a flexibilidade do currículo, a gestão educativa da sala de aula, a variedade e diversidade de estratégias de ensino propostas, a escuta ativa aos alunos, a relação pedagógica entre docentes e alunos, a diversidade de critérios de avaliação, a utilização de diferentes recursos, incluindo os tecnológicos, a importância dada às fontes de pesquisa, a aplicação de métodos de ensino autenticamente ativos, interativos, promotores de autonomia e de apropriação da aprendizagem e, finalmente, a organização dos espaços e dos tempos escolares. Apesar de toda esta riqueza, nesta instituição é bem evidente uma dinâmica pedagógica (e organizativa) muito ajustada, refletida, articulada e eficaz em todas as etapas de educação e ensino.



Imagem 7 – esquema da intencionalidade educativa das diferentes etapas de educação e ensino.

Após a visita – (Pós)visão

Então e nós? Esta transformação é possível no contexto da escola portuguesa? Esta ou outra com outros contornos... especificamente nossos? A escola portuguesa necessitará de transformar as suas práticas? Estas foram algumas inquietudes que de imediato me surgiram. Para algumas, tenho as minhas crenças, mas não é este o local mais adequado de partilha. Vejamos alguns aspetos que, em meu entender, devem ser contemplados/considerados/ponderados com mais transparência e maior intencionalidade, nas práticas educativas da nossa escola portuguesa:

- 1) Foco na aprendizagem da pessoa (daí personalizada) - o ato de ensinar consiste no desenvolvimento de uma ação intencional e especializada que é suportada por um conhecimento científico sólido e próprio, implicando mobilizar um conjunto de vários dispositivos que potenciam, de modo ativo, a aprendizagem de outro indivíduo ou grupo de indivíduos. A profissão docente implica obrigações deontológicas que cada um de nós tem para com os seus pares e obrigações morais para com os nossos alunos, não podendo nenhuma delas fazer periclitir princípios éticos fundamentais. Ser docente implica a honestidade na “preparação” de pessoas e não apenas de homens e de mulheres... Honestidade na preparação para a vida profissional e social e,

sobretudo, pessoal, porque, como defendia Kant, para se ser verdadeiramente homem não basta ser apenas homem, precisamos de Aprender a SER pessoas.

- II) Transformar o paradigma didático-pedagógico - algumas das medidas que apontam para a introdução de alterações, perspetivando o ato de aprender e o de ensinar à luz de um novo paradigma didático-pedagógico, dinamizado por novos conceitos de educação, novas competências, atributos e capacidades, têm sido justificadas pelas profundas transformações que a sociedade atual atravessa, exigindo o reequacionar do papel da escola e a reestruturação dos processos de ensino e de aprendizagem. Requerem, portanto, uma “outra” escola. As exigências a que aludimos implicam uma procura de respostas a aspetos essenciais que se constituem, hodiernamente, como desafios ao exercício da profissionalidade docente, como são, nomeadamente, a diversidade de contextos institucionais em que decorre o ato educativo e as exigências da sua natureza comunicacional e intencional. Parece-nos evidente que a ideia de desenvolvimento profissional reclama que a teoria e a prática se interliguem, suportando um exercício da docência fundamentado e em permanente (re)construção ao longo de toda a carreira, visto que a capacitação para o exercício da atividade profissional é um processo centrado na complexidade dos aspetos cognitivos, afetivos e relacionais de cada professor, que envolve múltiplas etapas, largamente influenciadas pelo contexto. O desenvolvimento profissional é uma exigência incontornável e, por tal, torna-se necessário que se constitua em um processo capaz de gerar a transformação da prática docente, enquanto corresponsáveis pela operacionalização do projeto educativo próprio de cada instituição educativa. A (re)configuração ou a transformação das práticas, por sua vez, impõe o recurso a estratégias que pressupõem o desenvolvimento eficaz e enriquecedor de processos de interação teórico-prática que potenciem a reflexão sobre *o que se faz, como se faz, porque se faz; quais os resultados do que se fez, porquê esses resultados e como os aperfeiçoar*. Este novo modo de entender a prática assenta numa atitude de questionamento, sustentado por referentes teóricos de análise, pelo

domínio das metodologias apropriadas, e, claramente, pela vontade de melhor conhecer e melhor agir.

III) (re)Pensar a(s) finalidade(s) da escola - a Escola deve, obrigatoriamente, contemplar um verdadeiro projeto, que se identifica com uma ambição no presente, e uma visão de futuro assente em princípios, valores e políticas que se aplicam na ação educativa e pedagógica com os alunos. Portanto, a Escola pode mudar quando constrói consensos orientados para a ação, compatibiliza as normas nacionais com os projetos individuais e de grupo, mobiliza todas as “energias” e gera um Projeto Escola com uma liderança forte e mediadora de divergências e conflitos, no quadro de uma gestão participativa. Mesmo coexistindo ideias muito distintas acerca dos valores e práticas educacionais e apesar de lidar com situações de conflito (que não podem ser ignoradas nem dissimuladas), a escola pode mudar quando o conflito é encarado como uma experiência construtiva, desafiante e promotor de consensos estratégicos. Para que esta “meta” seja atingida, a escola poderá orientar-se por duas finalidades bem presentes no Col•legi Mare de Déu dels Àngels: desenvolver e estimular o gosto intelectual de aprender e construir espaços/momentos em que se aprenda pelo trabalho e para o trabalho. Vejamos: a importância de “ler” o mundo depende do gosto intelectual de aprender; é necessário que cada um de nós ofereça razões às suas próprias opiniões, ou seja, compreenda as suas inquietações/informações e as transforme em conhecimento. Daqui resulta a urgência da intervenção social no mundo em detrimento dos benefícios materiais ou simbólicos que o futuro promete, isto é, tornar as pessoas mais sensíveis às diferenças e fazê-las sair do pensamento massificante. É preciso educar, instruir, nutrir o espírito de discernimento e formar para a complexidade. No que respeita à construção de uma escola em que se aprenda pelo trabalho e para o trabalho, trata-se de contrariar a subordinação funcional da educação escolar à racionalidade económica vigente e evoluir da mera repetição de informação para a produção de saber, o que exige uma aprendizagem madura e onde se aprende a ser intolerante com as injustiças e a exercer o direito e o dever à palavra, usando-a para pensar o mundo e nele

intervir, tendo como pano de fundo o reconhecimento da falibilidade humana e, por isso mesmo, a aceitação de consensos razoáveis.

E mesmo no final, confesso o meu sentimento mais presente: o mais importante foram (e são) as pessoas!

A força, a autenticidade, a coragem, o interesse, a astúcia, a criatividade; e tudo porque cada dia parece ser conotado de oportunidades...Vale a pena acreditar, e é necessário afirmá-lo: o ser humano nunca abandona a sua condição - a dúvida, o espanto, a capacidade de aprender, de se adaptar, de se transformar e de produzir ou recriar conhecimento/cultura.

Col·legi Montserrat | Atrair o Futuro para o Presente – Inovação e Mudança

Marina Torres Pinto

(direção@colegionovodamaia.pt, LIS Colégio Novo da Maia)



Imagem 1 – Fachada do edifício mais antigo recente



Imagem 2 – Fachada do edifício mais recente

Introdução

Participar neste Simpósio foi como mergulhar numa realidade de Inovação e Mudança. Foi possível vivenciar experiências de transformação e estudar a sua aplicabilidade no contexto português, quer sejam instituições privadas como públicas. Visitar esta organização viva, *Col·legi Montserrat*, foi ter a noção clara que é possível, como é um dever, atrair o Futuro para o Presente - Educar hoje para amanhã. Foi ter a consciência que houve uma comunidade educativa arrojada, corajosa e esperançada que foi capaz de tomar a educação de hoje perspetivada no futuro.

Constatamos que existem professores capazes de gerarem mudanças e serem construtores de inovação. Foi visível um projeto que pretendeu aprender com os melhores no mundo da educação, com a procura incessante do conhecimento e das melhores práticas educativas. Uniram-se instituições e criaram-se redes, construíram-se visões sistémicas, envolvendo a comunidade educativa, construindo um projeto capaz de suportar uma mudança estrutural na educação. Assim, sustentaram-se nas Inteligências Múltiplas, na Psicologia Positiva, na Neurociência, no *Design Thinking*, entre outros.

Acreditaram que o caminho seria pela promoção da metacognição dos alunos, dando aos mesmos a oportunidade de exercitarem o pensamento reflexivo, meditando sobre aquilo que fizeram, como fizeram e como poderiam ter feito para alcançar melhores resultados.

Foi evidente a preocupação de responder às competências para o século XXI, destacando, sobretudo, a transdisciplinaridade, a interculturalidade, o pensamento adaptativo e a flexibilidade para encontrar respostas para além do conhecido.

A colaboração virtual é notória, privilegia-se a partilha de ideias em equipas virtuais, impulsionando a participação mais alargada de agentes educativos. A educação deverá dar respostas às grandes forças de mudança, à revolução digital, à globalização e à revolução biológica.



Imagem 3 – Mural Exterior

O Colégio foi fundado em 1926 pela congregação das missionárias filhas da Sagrada Família de Nazaré. Atualmente, conta com 1046 alunos e 85 professores, desde a *Educación Infantil, Primaria, Secundaria y Bachillerato (LOE e Internacional)*.

“Somos una escuela comprometida com la educación integral, tanto del corazón como de la humana, física, intelectual, espiritual y social”

Página web: <http://www.cmontserrat.org/>

Em seguida, farei alusão aos pontos que mais considere na reflexão realizada após a visita a este Colégio e que julgo essenciais partilhar.

ORGANIZAÇÃO APRENDENTE

A escola é notoriamente uma organização viva, denota-se uma vontade de crescer como um grupo, onde existe uma interdependência saudável nas tomadas de decisão, na partilha de conhecimentos, na partilha de responsabilidades, na partilha de alunos, na partilha dos espaços.

PERSONALIZAR A APRENDIZAGEM

Dar voz ao aluno é uma premissa constante. É possível criar planos personalizados da aprendizagem, é possível evidenciar o equilíbrio entre interdependência positiva e responsabilidade individual, trabalho colaborativo e trabalho individual.

Todos os professores são tutores de um grupo de alunos, que reúnem frequentemente para planificarem e refletirem sobre os avanços e recuos dos alunos, para ajudarem na organização das agendas pessoais, para planificarem em conjunto, estabelecendo objetivos e estratégias a curto prazo. É possível ter acesso aos portefólios dos alunos como evidência do trabalho realizado e as respetivas reflexões.

O *Moodle* surge como uma plataforma completa para garantir esta personalização das aprendizagens como uma plataforma *e-learning*. É utilizado como um repositório de informação desde dos diários dos alunos, agenda, *wiki*, glossários, lições personalizadas. Surge também como instrumento de avaliação e de autoavaliação. Uma plataforma de comunicação entre alunos, professores e famílias através da promoção de fóruns e *chats*. É ainda possível disponibilizar baterias de recursos pensados para dar resposta à variedade de habilidades cognitivas dos alunos.



Imagem 4– Professor a explicar um conteúdo
alunos

Imagem 5– Imagem do trabalho autónomo dos

PRIMEIRA TRANSFORMAÇÃO: CURRÍCULO, METODOLOGIAS E AVALIAÇÃO

Uma das grandes questões levantadas foi a necessidade de redefinir o currículo tradicional (listas de conteúdos para serem retidos, memorizados, ...) para um currículo inspirador, centrado no desenvolvimento de competências essenciais para enfrentar o século XXI.

Houve a aposta nas Inteligências Múltiplas como metodologia para disponibilizar um maior número de oportunidades para que cada aluno desenvolvesse as suas capacidades. Foi necessário construir um currículo interdisciplinar, contextualizado e um currículo plurilingue (AICLE). No pré-escolar apostou-se em ateliês segundo a Filosofia de *Loris Malaguzzi (Reggio Emilia)*, o Ateliê Sensorial (1 e 2 anos) e o Ateliê Artístico (3 aos 5 anos).

Existe uma grande aposta nas competências comunicacionais em Catalão, Castelhana e Inglês. O Francês e o Alemão também fazem parte da matriz curricular, embora com uma periodicidade semanal menor. Há uma aposta no Xadrez, no sentido do desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático, explorado em Inglês. Todos os alunos vivenciam a aprendizagem de um instrumento musical (violino), através do método *Suzuki* no pré-escolar. A Expressão Dramática também faz parte da matriz curricular e é mais uma oportunidade para trabalhar o Inglês, bem como o Cinema e a Robótica. Os alunos mais velhos desenvolvem projetos universitários, Projetos internacionais, Projetos *Designer for Change* e projetos de âmbito social. O aluno surge como um Empreendedor Social, agente de mudança social, de desenvolvimento e de inovação.

O Trabalho de Projeto surge como um projeto interdisciplinar como forma de explorar um conceito em vários prismas e visões complementares.

CURRÍCULO INTERDISCIPLINAR E CONTEXTUALIZADO

O Colégio disponibiliza a participação dos alunos em vários projetos interdisciplinares e contextualizados com os interesses e as idades dos alunos - Projeto Inteligência (Inteligências múltiplas – grandes temas humanos).

Todos os projetos desenvolvidos têm um carácter Interdisciplinar e são capazes de reunir várias áreas disciplinares e vários professores especialistas, é o caso do **Projeto Terra** – Ciências Sociais e Música ou Ciências Sociais e Educação Visual; o **Projeto STEM** – Ciências Naturais, Tecnologia, Robótica e Cinema; o **Projeto STEAM** – Biologia, Física e Química, Tecnologia, Robótica e Cinema, entre muitos outros.

METODOLOGIA

Como já foi referido anteriormente, a metodologia está sustentada nas Inteligências Múltiplas, na aprendizagem experimental, na aprendizagem cooperativa, no pensamento crítico e criativo, no *Design Thinking* e no Gamification.



Imagem 6 – Esquema explicativo das inteligências Múltiplas

AVALIAÇÃO

A avaliação é formativa e tem que ser visível e monitorizada pelos alunos. A necessidade de fomentar uma aprendizagem reflexiva com a autorregulação dos discentes é fundamental. Promove-se um ensino mais adaptado às necessidades dos alunos, são disponibilizadas atividades de evolução gradual, construídas por *steps*, onde os alunos se auto propõem para a avaliação quando se sentem mais capazes. Uma avaliação defendida pelos próprios como sendo mais realista, mais relevante, mais formativa.

Os instrumentos são vários: desenhos experimentais, trabalhos científicos, exposições artísticas, gráficos matemáticos, ensaios, poesias, cronologias, coreografias, pressupostos, debates. Na avaliação é muito valorizado o *feedback* processual.



Imagem 7– Alunos envolvidos em trabalho autónomo



Imagem 8 – Plano de trabalho

PERCEÇÃO GLOBAL

A escola promove um clima organizado, de partilha, de trabalho cooperativo. Demonstra ser uma escola viva, onde todas as paredes falam e são provas reais das aprendizagens dos alunos. Apresenta espaços amplos, que abarcam cerca de 60 alunos de cada vez com pelo menos três professores disponíveis. Os espaços apresentam muita luz, são transparentes e flexíveis, ora transformam-se em salas de projetos, ora em *masterclasses* (aulas um pouco mais expositivas). Existem ainda alguns espaços distintos como de partilha, trabalhos de grupo e de trabalho individual. A imagem que transmite é a de que cada um segue o seu caminho, ao seu ritmo, com ou sem ajuda, conforme as suas necessidades. São espaços organizados, asseados (pelos próprios

alunos), apelativos, organizadas em *ilhas*. Todas as paredes servem de registo de evidências e não existe necessariamente um quadro.

Todos os alunos possuem um *tablet*, não existem manuais em suporte papel, apenas em algumas situações presencia-se o uso de manuais de apoio ou fichas de trabalho. Os alunos mais novos possuem *kits* de materiais manipuláveis para trabalharem conteúdos da área da matemática.

Quanto à organização do espaço, ainda se pode referir que este é promotor de mudança e de transformação. Mas, como referiu a responsável da instituição, *de nada adianta partir paredes para as colocar em vidro se os professores não mudarem a forma de exercer a sua profissão.*

Assim, constatou-se que existiu um investimento muito forte também na formação docente para que estes se sentissem mais capazes de serem promotores de mudança.



Imagem 9 – Espaço na sala de aula de partilha ilhas



Imagem 10 – Salas organizadas em

PERFIL DO PROFESSOR

Foi-nos referido que o professor, nesta instituição, deveria revelar um pensamento crítico e criativo, com capacidade de resolver problemas; ser capaz de formular questões adequadas, como atitude fundamental para gerar outras; possuir um espírito colaborativo e capacidade de adaptação e rapidez para o conseguir; ter iniciativa e espírito empreendedor; ter capacidade de resiliência sem, contudo, perder

a capacidade de avançar; ter capacidade de aceder a informação fidedigna e disponibilizá-la, adequando-a aos alunos e, ainda, ser, acima de tudo, um mentor.

A acrescentar a estas características, o docente deve, também, ser dotado de curiosidade e de imaginação - dificilmente será inovador aquele que não sinta grande curiosidade por descobrir, explorar novos caminhos, encontrar oportunidades. Deve ser um empreendedor social. Deve ter sentido de humor, ter paixão pela educação, deve ser entusiasta, comprometido com a sua missão, com a da instituição e com a esperança, ser perseverante (manter-se firme no seu objetivo), seguro, empenhado e confiante.

O QUE É POSSÍVEL TRANSFORMAR NO CONTEXTO DAS ESCOLAS PORTUGUESAS

No contexto atual das escolas portuguesas, é perfeitamente viável a implementação da personalização do ensino - um plano elaborado com o propósito de dar resposta às necessidades de cada aluno. Para além disso, o trabalho cooperativo e colaborativo entre os docentes, dividindo responsabilidades, partilhando, planificando em conjunto, criando sinergias e acreditando que é possível tornar o ensino mais motivador, apelativo e mais contextualizado às necessidades dos alunos, também é uma realidade aplicável.

A utilização da plataforma *Moodle* como uma ferramenta com muitas potencialidades e como plataforma *e-learning*, organizada por professores, de um ou mais agrupamentos, na construção de um conjunto de recursos por conteúdos e por disciplinas, também será uma prática a ter em conta.

A utilização de *tablets* em sala de aula em substituição de manuais escolares, uma realidade já verificada em algumas escolas, mas que poderia ser mais rentabilizada, porque podem ser contemplados outros recursos educativos.

Salas de aula reconfiguradas, espaços flexíveis promotores de um trabalho diferenciado, cooperativo, de investigação e de partilha e fomentando a comunicação são, sem dúvida, aspetos essenciais a ter em conta, assim como a aposta nas línguas estrangeiras (é uma premissa urgente).

Apostar numa verdadeira autoavaliação, autorregulação das aprendizagens pelos alunos, responsabilizando-os e promovendo-lhes mais autonomia, através do

uso das tecnologias e de plataformas, favorecendo o processo de monitorização do professor, é também possível e necessário no nosso contexto.

De destacar ainda:

- I. o professor como um tutor de grupos mais restritos de alunos, promotor de confiança, membro de uma equipa em que realiza uma co-planificação com os seus alunos.
- II. a classe invertida como estratégia diferenciadora na promoção da autonomia e na curiosidade do aluno.
- III. a mediação de conflitos pelo consenso, alunos mais comprometidos e mais capazes de gerirem situações mais complexas nas escolas.
- IV. a criação de escolas de pais, com o propósito de desenvolver com as famílias espaços de partilha e de desenvolvimento de competências parentais.
- V. a aposta nas inteligências múltiplas como forma de dar oportunidade a todos de desenvolverem as suas capacidades da forma como se sentem mais capazes.

Finalmente, não devemos descurar a apropriação da metodologia do trabalho de projeto interdisciplinar, uma vez que se acredita que as aprendizagens se tornam muito mais significativas, têm origem em motivações intrínsecas dos alunos e transformam-se em experiências mais enriquecedoras, levando os discentes a interagirem mais entre si, envolvendo-se de forma mais relevante nas aprendizagens e tornando-se mais críticos e criativos.

Escola Infant Jesús – Jesuites Sant Gervasi | Um rumo no sentido de um trabalho escolar significativo

Francisco Freire Soares

(francisco Soares@portugalmail.pt | doutorando da Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Educação e Psicologia)

Introdução

Com este texto pretende-se partilhar, ainda que de forma sucinta, algumas das experiências tidas e informações recolhidas durante visita de estudo realizada no dia 28 de março de 2017 à Escola Infant Jesús - Jesuïtes Sant Gervasi no âmbito do II Simposio Internacional Barcelona | Educación | Cambio. Assim, começa-se por apresentar um resumo do conteúdo disponibilizado no *site* do Simpósio relativo à escola visitada onde se faz uma apresentação dos projetos e dos valores que norteiam a ação educativa. Seguidamente, apresenta-se uma ideia geral que recai sobre a identidade e o espaço que caracterizam a escola, as perceções globais recolhidas e as inovações observadas. Ao mesmo tempo, pretendeu-se apreender as relações estabelecidas entre as pessoas que participam quer diretamente, quer indiretamente, neste novo projeto de escola. Por fim, tentou-se elencar algumas apropriações possíveis para a escola portuguesa, tendo em mente a nossa realidade e as nossas condições.

A imagem narrada

De forma resumida, a informação que podemos encontrar no site do II Simpósio relativamente a esta escola é a seguinte:

A Escola Infant Jesús - Jesuïtes Sant Gervasi é uma das oito escolas que faz parte da Fundação Jesuïtes Educació (JE). Situada no centro de Barcelona, e partindo de uma tradição e de um modelo pedagógico reconhecido, inova ao ritmo das exigências sociais.

No ano de 2014, esta escola deu início à experiência piloto denominada NEI, Nueva Etapa Intermedia (para alunos dos 10 anos aos 14 anos), no âmbito do projeto

Horizonte 2020. Baseada nos princípios e nos valores da espiritualidade inaciana, bem como nas contribuições da psicologia da aprendizagem e das neurociências, esta experiência revela-se como um desafio inovador e transformador da educação. Esta experiência piloto foi levada a cabo, conjuntamente noutras duas escolas da rede JE: Jesuïtes Lleida e Jesuïtes Clot. Este projeto que tem como objetivo aplicar os pontos-chave do novo modelo JE (MENA – Modelo de Enseñanza Aprendizaje), caracteriza-se por ter como pontos essenciais:

- Um salto disruptivo no seu modelo pedagógico;
- O aluno protagonista da sua aprendizagem;
- Potenciar o trabalho por projetos;
- Potenciar o trabalho em equipa dos docentes;
- O acompanhamento aos alunos;
- A reestruturação dos espaços e dos serviços;
- O envolvimento das famílias no processo de aprendizagem;
- Os recursos digitais como uma ferramenta de aprendizagem;
- Uma conceção mais flexível do tempo;
- A Avaliação dinâmica de processos e resultados;
- O plurilinguismo;
- A integração dos valores de forma transversal.

Atualmente, como os alunos finalizaram a etapa da NEI, deu-se início ao próximo curso, o TQE (terceiro e quarto ano do ensino secundário obrigatório), para alunos dos 14 anos até aos 16 anos.

Página web: www.santgervasi.fje.edu



Imagem 1 – Entrada da escola

Ideia geral recolhida

Ao nível das infraestruturas, apesar da escola Infant Jesús - Jesuítas Sant Gervasi datar dos meados do séc. XIX, o edifício encontra-se aprimorado, adaptado às novas necessidades e acolhedor para todos os que lá trabalham e estudam. Durante a visita, e após percorrer alguns corredores que se encontravam cuidados e vestidos com fotografias de antigos e atuais alunos da escola, encontramos, no cimo de um lanço de escadas, o espaço da NEI (Nova Etapa Intermédia), onde decorriam, como habitualmente, as aulas. Este espaço caracterizava-se por ter cores muito vivas e garridas, bastante luz e áreas amplas e flexíveis.

Seguidamente, visitamos o espaço da TQE, também ele profundamente alterado quando comparado com as salas de aula tradicionais, a que estamos habituados. Mais uma vez, as salas caracterizavam-se por serem amplas e flexíveis, com pouco mobiliário fixo (a título de exemplo, as cadeiras dos alunos têm rodas e mesa incorporada na própria cadeira) e paredes em vidro, que não bloqueiam nem impedem a visão dos que lá trabalham. A abertura, a flexibilidade, o estar à vista de todos foram as características que mais se realçaram.

Os espaços da NEI e da TQE foram alterados para melhor responderem aos desafios a que os jesuítas se propuseram levar a cabo nestes níveis educativos. Constatamos que estes espaços se destacam dos restantes espaços da escola que mantêm a sua identidade original e convencional. Todavia, com estas duas áreas-projeto, os jesuítas conseguiram criar uma “nova” identidade que, pelo que se pode apreender, pretendem continuar a replicar.



Imagem 2 – Porta da escola

Perceção global

Do clima de escola

Quando chegámos ao NEI, fomos recebidos por quatro alunos, duas raparigas e dois rapazes, que nos deram as boas-vindas e explicaram, detalhadamente, o que estavam a fazer e como trabalhavam em projetos. De forma muito descontraída e muito comunicativa, os alunos referiram que estavam a concluir um projeto que incidiu sobre os estilos musicais Rap e Hip-Hip, tendo como mote os temas do *bulling*, da xenofobia e do racismo.



Imagem 3 – Corredor da NEI

Para concretizarem este projeto, os alunos tiveram de investigar e trabalhar transdisciplinarmente nas áreas das línguas, da história e da música. Mostrando-se sempre disponíveis para responder às nossas perguntas, foi com orgulho que estes nos convidaram a entrar na sala para ouvirmos os “produtos finais” do seu projeto: os raps compostos, escritos e interpretados por eles próprios.

Na sala de aula, encontravam-se aproximadamente 60 alunos acompanhados por 3 professores. Num ambiente animado, onde o trabalho escolar parecia decorrer sem sobressaltos disciplinares, de forma interessada e participativa, alunos e professores desempenhavam os seus ofícios de forma enérgica, mas organizada.



Imagem 4 – Cadeiras-mesa utilizadas no TQE

Nas salas da TQE, pela natureza das atividades que estavam a realizar, deparamo-nos com um ambiente mais tranquilo. O grande grupo, com aproximadamente 50 alunos, encontrava-se dividido a trabalhar, de forma autónoma, em grupos de 4 a 6 alunos monitorizados e acompanhados por três professores. Este grupo estava prestes a iniciar um novo projeto, relacionado com as ciências. Não obstante a nossa presença, os alunos continuaram o seu trabalho, as suas pesquisas, discussões e produções num clima calmo e organizado que não sofreu alterações mesmo quando soou o toque de saída.

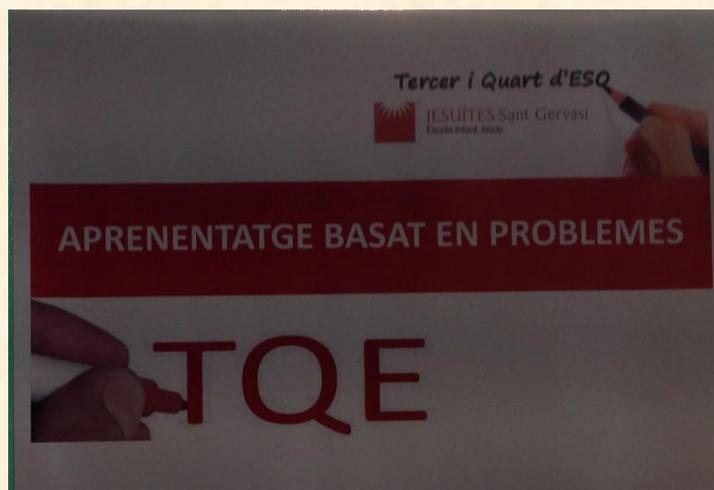


Imagem 5 – Poster colocado na porta da sala de aula do TQE

Da estratégia geral de inovação e mudança

Sendo objetivo principal do projeto *Horizonte 2020* reformular uma educação muito centrada no professor e na transmissão de conhecimento (qual conhecimento?), construindo um novo paradigma educativo, onde o aluno possa aprender mediante a ação, pôde-se constatar que, nesta escola, houve um esforço significativo no sentido de concretizar essa pretensão.

Assim, pareceu haver, efetivamente, uma estratégia delineada e comum a todos os colégios da rede que implementaram a NEI e que se prende com a transformação sistémica da cultura educativa escolar, na qual se incluiu a preparação e a formação dos profissionais que iriam integrar estes projetos no terreno. Os denominados *Projetos Trator* que incluíram diretores, professores, alunos e famílias tiveram como objetivo preparar o terreno onde se semearia a mudança e a inovação



Imagem 6 – Espaço exterior

As inovações observadas

Não há dúvida que a inovação que mais se destaca diz respeito à desformatação das salas de aula. Estas são maiores e mais flexíveis, permitindo a sua reconfiguração ao sabor das necessidades e dos objetivos, possibilitando, ao mesmo tempo, a constituição de vários espaços de trabalho onde grupos de 50/60 alunos podem desenvolver os seus trabalhos de forma mais autónoma e livre.

Em cada sala, existem duas outras pequenas salas de apoio, com paredes em vidro, que servem para realizar atividades tutoriais ou para o trabalho dos professores. Estes espaços descentralizados proporcionam aprendizagens em “cada canto” da sala, seja nos degraus propositadamente colocados (por desejo dos alunos) dentro da sala, seja no chão, seja nas mesas que facilmente se reconfiguram geometricamente para além do tradicional retângulo.

O trabalho por projetos, interdisciplinares e curriculares, bem como, o trabalho de grupo colaborativo são uma constante e parte fundamental das aprendizagens. O nível de comunicação, entreajuda e responsabilidade é elevado e incentivado. Muito do trabalho de pesquisa e de produção têm como base materiais “guia” elaborados pelos professores. Desta forma, todos os alunos têm um computador (adquirido através de um programa de *renting*) – ferramenta essencial para desempenharem o seu trabalho de pesquisa e produção, levado a cabo de forma controlada e com fins específicos.

Este tipo de trabalho escolar ocupa cerca de 60% do tempo dos horários dos alunos. No entanto, também há espaço para uma forma de trabalhar mais “tradicional”, mais relacionada com as línguas, a matemática e a educação física.

O trabalho pedagógico desenvolvido nesta escola, quer no NEI quer no TQE, é muito diferente do que tradicionalmente estamos habituados. Consequentemente, os processos de avaliação foram também adaptados ao novo modelo, que vão para além da avaliação do conhecimento puramente académico. Englobam também competências relacionadas com os processos que se vão desenvolvendo através dos projetos criados como, por exemplo, a comunicação e as relações interpessoais. Para tal, foram criadas ferramentas inteligentes e abrangentes, em suporte digital, auxiliaadoras da concretização dos 5 C’s do projeto. A avaliação tem, assim, um papel importante para que se possa ir ao encontro das necessidades de cada aluno, tornando-os alunos conscientes, competentes, criativos, compassivos e comprometidos, para que todos e cada um possam melhorar e tornarem-se autor(es) da sua formação integral.

No que diz respeito à organização escolar, destacamos dois pontos chave:

- i. os horários e as planificações anuais são flexíveis e ajustadas aos projetos que se pretendem desenvolver;
- ii. as planificações dos projetos são cuidadosamente elaborados, semanalmente, pelas equipas de professores podendo, desta forma, rentabilizar os espaços e o modo como organizam os alunos ao longo da semana.

Complementando esta vertente, a nível pedagógico, salientamos o trabalho colaborativo das equipas de docentes que, dando o exemplo, promovem estratégias de aprendizagem também elas assentes no trabalho colaborativo e autónomo. Aliado a isto, o desenvolvimento de projetos interdisciplinares permite uma gestão mais flexível do currículo, tornando-o mais significativo para os alunos, potenciando aprendizagens mais relevantes, mais ativas e interativas.

As pessoas

Caracterização das lideranças

Na visita a esta escola, tivemos a oportunidade de conhecer e dialogar com o diretor da NEI da rede JE. Para além de estar ligado ao projeto desde a sua conceção, a sua visão relativa à NEI é extremamente coerente, consciente e construtiva. Falou-nos, muito abertamente, dos medos iniciais, das resistências mais vincadas e dos desafios que têm pela frente. Pareceu-nos estar perante uma liderança muito organizada, inspiradora e capaz de construir convergências.

Disposições de professores

Na escola Infant Jesús – Jesuites Sant Gervasi pudemos trocar algumas impressões com alguns dos seus professores. Pareceu-nos evidente que estávamos perante uma nova postura relativamente à profissão docente. Os professores passaram a trabalhar de forma colaborativa e integrados em equipas. Passaram a dedicar mais tempo ao trabalho didático assente nas estratégias que adotam, face aos objetivos traçados, e no “redesenhar” o currículo planeando a sua execução por projetos. De uma forma geral, as pessoas, com quem tivemos a oportunidade de falar, demonstraram-se agradados e satisfeitos com as alterações levadas a cabo, com o trabalho posto prática e com os resultados já alcançados. Porém, também foram unânimes ao referir que esta nova forma de trabalhar acarreta um tipo de labor mais presente e mais enérgico, nomeadamente no que diz respeito às planificações e à monitorização das aprendizagens.

Disposições de alunos

Constatou-se que os alunos, quer do NEI quer do TQE, estavam concentrados e ativos na execução das tarefas, apesar de se encontrarem a realizar trabalhos distintos. O sentido do trabalho escolar afigurar-se como sendo mais lógico, adequado e cativante, assente na indagação, na procura, na criação e na descoberta, com as componentes informática e digital sempre presentes.

Disposições dos pais

Apesar de não termos tido nenhum contacto com as famílias, foi-nos apresentada uma ficha de recolha de dados que é preenchida por cada família. O objetivo desta ficha é recolher dados relevantes para que a escola possa introduzir alguns membros das famílias, tantos quanto possível, nos projetos desenvolvidos pelos

alunos. A título de exemplo, num projeto desenvolvido no ano anterior, os alunos leram excertos do livro *Perfume* de Patrick Süskind e, por intermédio de uma família, os alunos puderam passar um dia com um famoso criador de perfumes de uma marca de renome internacional, e criar, cada um, a sua própria fragrância.

Outras dimensões relevantes observadas

Consideramos ser importante realçar a identidade jesuítica presente nesta escola. Desde as suas origens que os jesuítas fizeram da escola e da educação pilares da sua missão: um grande envolvimento dos alunos, sistemas organizacionais precisos e polidos e o rigor intelectual caracterizam o trabalho da Companhia de Jesus, revelando a sua capacidade de adaptação aos momentos, aos lugares e às pessoas.

O projeto *Horizonte 2020* e a criação da rede de escolas da JE, à semelhança da redação da *Ratio Studiorum*, foram fruto de um grande processo colaborativo que contou com a participação de todas as escolas. Tal, incentivou trocas interativas sinérgicas, protocolos de ação em cooperação e, acima de tudo, uma partilha comprometida.

A constituição da rede de escolas JE possibilitou que fossem assumidas diferenças entre as escolas. Ao fazê-lo, proporcionou também que se trabalhasse na procura de objetivos comuns e na tomada de decisões em conjunto. Partindo do princípio que o trabalho em rede promove um maior desenvolvimento social e humano, torna-se indubitável que o projeto saiu mais reforçado e coeso.

Apropriação possível para a escola portuguesa e condições de êxito.

Parece-nos que existem diversos elementos e aspetos possíveis de serem adaptados à realidade portuguesa, nomeadamente no que diz respeito ao ofício do aluno e ao sentido do trabalho escolar dentro de uma lógica de trabalho colaborativo e por projetos. Aprender a aprender torna-se princípio basilar de uma educação que se pretende centrada no aluno e feita em prol do mesmo. A flexibilidade dos espaços e dos artefactos podem ser adaptados ao nosso contexto, sem medo que isso leve a salas de aula caóticas ou desorganizadas. Porventura, arriscaríamos dizer que muito do medo invocado por este desafio e convite à mudança das práticas reside muito mais na

resistência por parte dos docentes do que na (eventual) inadaptação dos alunos a esta nova forma de se fazer educação.

Para criar, e não recriar, com êxito um projeto análogo ou paralelo a este, que tivemos oportunidade de observar, seria imprescindível que os professores portugueses criassem o hábito de trabalhar em partilha e de forma colaborativa, não tendo medo de abrir a sua sala ao novo mundo pois este é, de facto, o mundo onde vivem os seus alunos. Um mundo digital que não deve (nem pode) ser ignorado mas antes convidado a fazer parte das aprendizagens e aproveitado para a construção de materiais e de saberes ligados a um currículo e uma liderança que devem ser definidas e reconhecidas, mas flexíveis.

Uma vez mais, surge a palavra flexibilidade que na perceção de muitos emerge como sinónimo de falta de rigor ou facilitismo. Parece-nos, desta feita, que o termo “flexibilidade” tem de entrar, de uma vez por todas, no vocabulário da escola portuguesa como sinónimo de adaptação e evitar a já célebre expressão portuguesa: “antes quebrar do que torcer”, sendo torcer o mote para mudar.

Escola Pública Riera de Ribes | Uma escola centrada na pessoa – o aluno

Maria Judite Cruz

(Inspetora da Educação na Inspeção-Geral da Educação e Ciência)

A imagem narrada

No *site* do II Simpósio Internacional de Barcelona esta escola é apresentada do seguinte modo:

A escola Riera de Ribes é uma escola pública, catalã, arraigada e comprometida com o meio envolvente tanto natural como social. Atribui à educação uma função social compartilhada, cada um no lugar que ocupa, orientada para o desenvolvimento pessoal de todos os membros da comunidade educativa, principalmente dos alunos, e para a compreensão e participação reflexiva e crítica da realidade, em prol da dignidade de todos. É uma escola em constante processo de reflexão para alcançar um ensino de qualidade, que se fundamenta em sete ideias: uma escola centrada nas pessoas; na integração dos saberes que configuram o currículo; que gera contextos pessoais e comunitários culturalmente ricos e complexos; que tem em conta as ideias dos alunos como base do trabalho; centrada na comunicação; que se interessa pela melhoria e que pertence a uma comunidade de ideias.

O modelo educativo da escola Riera de Ribes propõe ensinar e aprender desde a lógica do funcionamento das pessoas, do modo como resolvem os reptos da vida utilizando os saberes como ferramenta para compreender e para resolver as situações do mundo real. Assim, as aprendizagens são de maior qualidade, e melhoram os resultados educativos e a coesão social. É uma instituição na qual se aprende mais e melhor porque põe a ênfase no valor de cada um, na melhoria do talento de cada um —aluno, profissionais e famílias— e melhora o projeto comum.

Atualmente, o marco de atuação promove a:

1. Intervenção em diferentes contextos onde cada um pode reconhecer a própria capacidade de aprender.
2. Construção de redes de relação, colaboração e intercâmbio entre o interior e o exterior da escola.

3. Vontade de melhorar nos distintos âmbitos que configuram a cultura escolar, desde o valor de cada um e os papéis que pode desenvolver.

4. Resolução de situações do mundo real com a intenção de refletir sobre os saberes e o processo de aprendizagem a partir de itinerários cognitivos diversificados, tendo em conta os interesses, os processos e os ritmos de cada um.

Página web: <http://www.rieraderibes.cat>)

Ideia geral recolhida

Esta escola pública integra a educação infantil e primária (até ao 6.º ano de escolaridade) com aproximadamente 460 alunos e 27 professores, número ao qual acrescem cerca de 10 especialistas (inglês, educação física, música, educação especial, psicologia). A equipa diretiva é constituída por cinco elementos e existem um ou dois coordenadores por ciclo. A escola conta ainda com a participação regular de alguns pais, nomeadamente no ensino do inglês e de forma pontual de especialistas externos de que é exemplo um *designer* gráfico no apoio a um projeto.

Da visita realizada no dia 30 de março de 2017 constatamos existir coerência entre os princípios e os pressupostos educativos enquadradores do modelo educativo implementado e as práticas. Ressalta um modelo pedagógico-metodológico centrado na aprendizagem e não no ensino, no aluno e não no professor, nos contextos reais de vida e não nos manuais (não existem ou servem apenas de suporte), no trabalho cooperativo e não no individualismo e competição, no valor atribuído a cada aluno e no respeito pelo seu “itinerário cognitivo” e não na homogeneização do turma/grupo. Tudo isto em conexão e no cumprimento dos programas oficiais.

A metodologia utilizada assenta na assunção de um novo papel do aluno e do professor, na valorização do potencial de aprendizagem de cada aluno, no desenvolvimento de competências globais e integradas, assentes numa aprendizagem partilhada, cooperativa e integradora de conteúdos significativos que emergem dos problemas do mundo real. O desenvolvimento do currículo através de projetos integradores de conteúdos de diferentes áreas do saber, é também acompanhado pelo desenvolvimento de conteúdos de base disciplinar como é o caso das línguas, música e educação física.

Esta escola está conectada com o meio envolvente, sendo das visitas “longas” ou curtas”, efetuadas semanalmente, que emergem *Perguntas Interessantes* (figura 1) sobre as quais se organizam e desenvolvem de forma articulada e integrada os conteúdos a abordar sob a forma de projeto. É criada uma “Bolsa” de *Perguntas Interessantes* e realizada a sua seleção num trabalho coletivo com alunos e professores, dando origem aos nove projetos de aprendizagem a trabalhar durante o ano letivo, que abrangem articuladamente os conteúdos das diferentes áreas curriculares/disciplinas dos programas estatais. Estes são detalhadamente pensados, planeados ao nível das competências e dos conteúdos a desenvolver, trabalho realizado intensiva e diariamente pelas equipas pedagógicas, na sua componente não letiva. As *Perguntas* são devolvidas aos alunos para que estes encontrem as soluções, num trabalho de pesquisa, reflexão, investigação, apoiados e acompanhados por professores que são simultaneamente tutores, e por especialistas em algumas áreas. Os projetos com a duração média de três semanas, num trabalho cooperativo/de mosaico, estão sustentados em redes de relações dentro e fora da escola.



Figura 1 - Questionamento - *Perguntas Interessantes*

Os projetos que os alunos desenvolviam nas três salas observadas pareciam configurar aprendizagens significativas, estando relacionadas com questões da vida real. Os alunos evidenciavam estar envolvidos nas tarefas e conheciam as competências a desenvolver e as etapas do processo de aprendizagem. Este novo paradigma de pensar e fazer acontecer o ensino e a aprendizagem de forma

personalizada e autónoma, de acordo com o ritmo e as motivações dos alunos parece fomentar a vontade e a capacidade de aprender.

Perceção global

Do clima de escola

Nos espaços observados a educação infantil, assim designada, estava organizada em grupos de 20 crianças distribuídas por espaços distintos, de acordo com as atividades a realizar, acompanhados por um educador. Numa das salas estava a ser desenvolvido o projeto “*Elementos que existem na vertical*”, explorando uma *Pergunta Interessante*, como ilustra a figura 2.

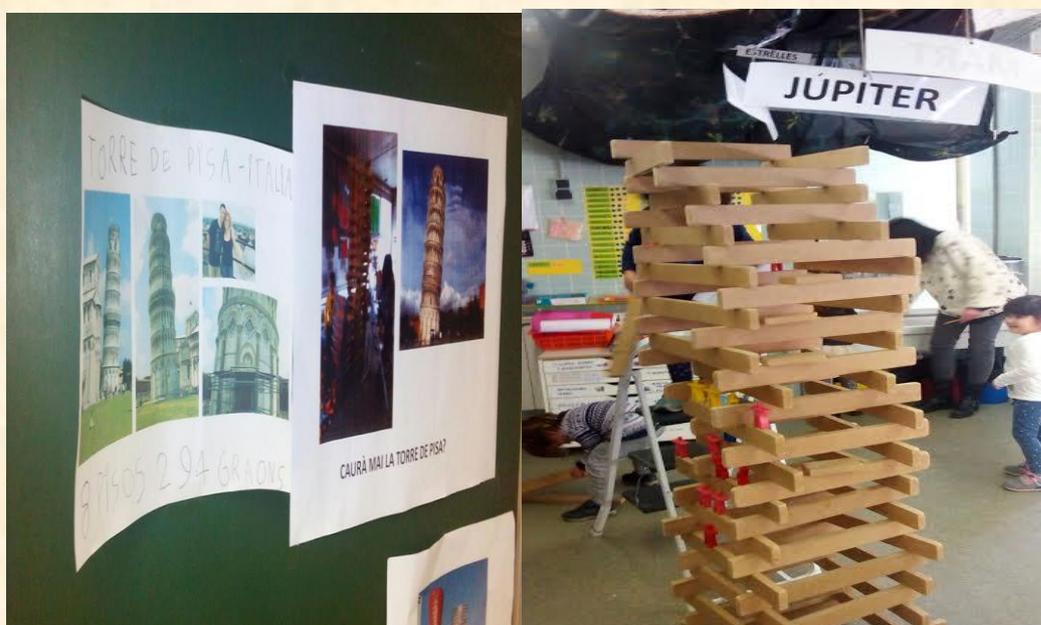


Figura 2- Projeto de aprendizagem na educação infantil

Existiam mais duas salas/espacos organizados em diferentes áreas de aprendizagem, sendo uma especifica para o jogo simbólico. O ambiente era calmo e de cooperação entre as crianças e entre estas e o educador. Todos pareciam envolvidos no trabalho que realizavam. Era visível um ambiente participativo e promotor de uma aprendizagem cooperativa.

No ensino básico, nas três salas visitadas, os grupos de 20 alunos dos 4.º, 5.º e 6.º anos estavam organizados em subgrupos de 4 ou 5 elementos, orientados por um professor, conforme ilustra a figura 3.

GRUPS DE TREBALL DE 4 PERSONES			
Gina Ivet Martí Néstor Saúl	Àxel Iona R. Morgan Teresa	Joana Myranda Santino	Arnau Bruno Maria Mateo
	Alessandro Daniel Dani de R.	Iona T. Laia Máximo	Alan Daniela Jordi Marta

Figura 3 – Constituição de grupos - trabalho cooperativo

Numa das salas estava a ser desenvolvido um projeto no âmbito das artes (elaboração de um cartaz para a festa anual de Riera de Ribes), sendo bem clara a evolução do trabalho individual e coletivo, desde os estudos exploratórios ao resultado final.

Numa outra sala estava em desenvolvimento um projeto em torno das *Minas*, englobando conteúdos no âmbito das ciências naturais, física e química, procurando dar resposta à *Pergunta* sobre o minério usado no fabrico de telemóveis e outros equipamentos. O projeto em curso noutra sala relacionava-se com os itinerários realizados pelos alunos no seu percurso escolar e os transportes utilizados, articulando conteúdos de diferentes áreas curriculares como a geografia, ciências naturais, matemática (figura 4).

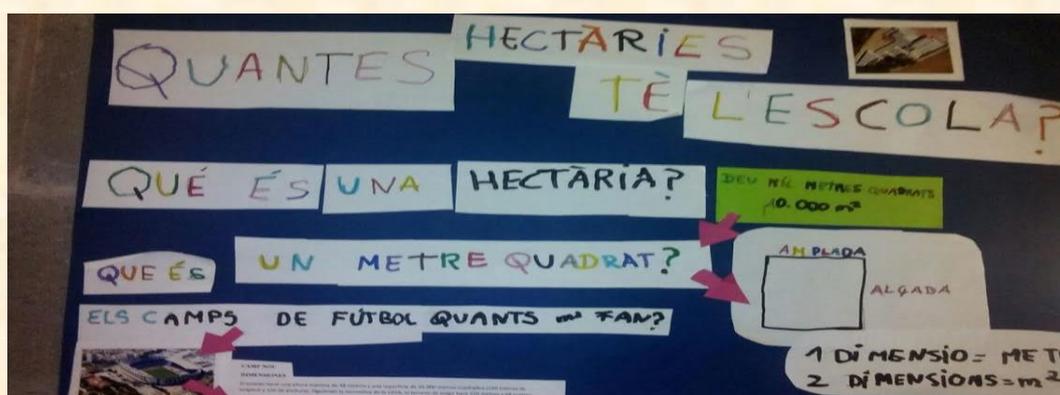


Figura 4 – Projeto de aprendizagem- Pergunta Interessante

O ambiente de aprendizagem era dinâmico, de interação constante entre pares e com o professor, de pesquisa autónoma e orientada, com divisão de tarefas nos subgrupos, com ilustra a figura 5.

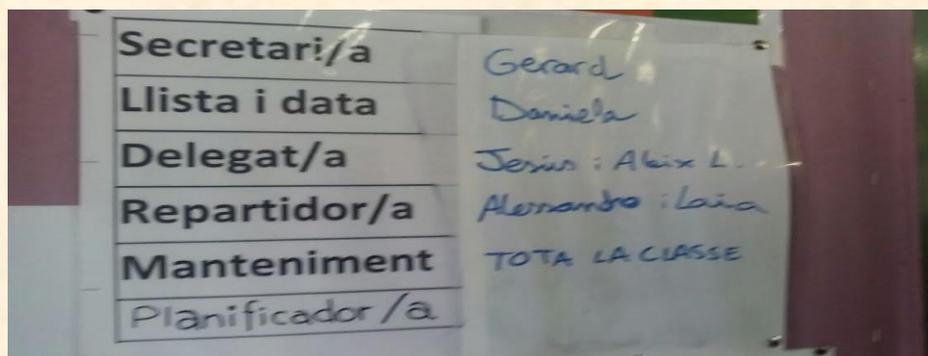


Figura 5- distribuição de tarefas - trabalho cooperativo

O portefólio físico e digital era demonstrativo das diferentes fases do projeto, evidenciando a sua evolução e as aprendizagens efetuadas. Os alunos assumiam um papel de autores de todo o processo, desde o roteiro/planeamento às conclusões /avaliação, desenvolvido através da negociação coletiva, num ambiente ativo, participativo e calmo. Foi-nos relatado pela direção que os problemas de indisciplina existem, embora pontualmente, sendo resolvidos eficazmente com o aluno, solução que pode passar pela redefinição do seu projeto de aprendizagem.

Da estratégia geral de inovação e mudança

A escola Riera de Ribes iniciou este projeto inovador há mais de 13 anos. A escola funciona por áreas, projetos, oficinas e atividades em sala de aula, sem manuais escolares, ou utilizados somente para consulta. Alunos e professores têm como ferramenta de trabalho computadores, um por aluno, para além de outros recursos/fontes de pesquisa, nomeadamente o meio envolvente próximo e alargado. A escola procura os meios e recursos necessários para dar as respostas mais adequadas/diferenciadas aos alunos. A título de exemplo referira-se a negociação para a contratação de psicólogos em detrimento da contratação de professores e a criação de um projeto individual comunitário, bem-sucedido, para um aluno em situação de abandono escolar.

A aprendizagem estrutura-se em torno de competências chave e competências de ciclo. As competências chave integram a relação consigo, com os outros e com os saberes. O professor parte do conhecimento da “tendência do aluno”, das suas motivações e interesses dando-lhe a oportunidade de escolha, assente no marco

educativo - *O valor de diferenciar*. O professor é o coordenador, ou seja a equipa educativa regula, acompanha e conhece os processos educativos, de ensino e de aprendizagem conhece as pessoas necessárias e indicadas para intervir, faz emergir os conteúdos e os contextos propícios à aprendizagem.

As inovações observadas

Tomando por referência o modelo tradicional de ensino e considerando que “(...) inovação não é uma simples renovação, pois implica uma ruptura com a situação vigente, mesmo que seja temporária e parcial. Inovar faz supor trazer à realidade educativa algo efetivamente novo, ao invés de renovar que implica fazer aparecer algo sob um aspecto novo, não modificando o essencial (Cardoso, 1992, p. 1)”,.. encontramos na escola Riera de Ribes elementos identificativos de inovação.

Na dimensão organizativa destacamos a flexibilidade na gestão dos espaços e das turmas/anos de escolaridade, participando no mesmo grupo/projeto alunos dos 4.º, 5.º e 6.º anos.

Também a organização dos horários dos alunos, que contemplam tempos letivos para projetos, e tempos letivos semanais partilhados entre visitas ao meio envolvente, seguidos de momentos de *Perguntas Interessantes*, e apresentação de temas, debates, projetos, *workshops*, palestras, comunicações e exposições para os pares ou para a comunidade (nomeadamente professores e pais), afiguram-se adequados às metodologias implementadas e assumem cariz inovador.

Ao nível dos espaços não identificamos traços inovadores. As salas apresentam dimensões “normais” ou reduzidas, eventualmente inferiores a 40 m². A sua dimensão e arquitetura condicionam um modelo mais flexível e aberto, no sentido de potenciar outras formas de organização e gestão das turmas/do grupos e professores/monitores favorecedoras de outras dinâmicas.

É na dimensão pedagógica onde a inovação se afirma com maior destaque, evidenciada nos seguintes aspetos:

- i) Organização e gestão do currículo (está, maioritariamente, organizado por projetos e não por disciplinas); as estratégias de gestão da sala de aula (flexibilidade nos anos de escolaridade (4.º, 5.º e 6.º) e turmas/grupos/subgrupos; estratégias de ensino e de aprendizagem

(ênfoque na aprendizagem diferenciada e cooperativa) e avaliação focada essencialmente no processo e na evolução da aprendizagem, documentada em portefólio;

- ii) A verdadeira abertura da escola às famílias e ao mundo real do qual emergem as *Perguntas Interessantes*/projetos de aprendizagem;
- iii) Alteração dos papéis professor/aluno (horizontalidade no processo de ensino e de aprendizagem, assumindo o professor o papel de mediador entre o aluno e o conhecimento);
- iv) Educação centrada na aprendizagem e no aluno, partindo do seu “itinerário cognitivo”;
- v) Roteiros personalizados de aprendizagem, promotores de uma escola inclusiva e de valorização do aluno como pessoa, na sua diferença;
- vi) Metodologia centrada na aprendizagem e não no ensino, respeitando o ritmo, interesses e motivações dos alunos;
- vii) Recursos digitais como ferramentas essenciais ao desenvolvimento do processo de ensino e de aprendizagem;
- viii) Supressão dos manuais escolares e/ou utilizados como um recurso pontual de consulta;
- ix) A formação regular e contínua da comunidade educativa, nomeadamente dos profissionais e das famílias que acompanham o processo de inovação.

Recursos pedagógicos mais frequentemente mobilizados

As pessoas

Caracterização das lideranças

Do breve contacto com a equipa diretiva destacou-se o seu comprometimento com a missão, visão e estratégia assumidas no projeto educativo. Foi visível a capacidade comunicativa e de negociação dos recursos necessários para a consecução dos propósitos que a escola se propõe prosseguir. A direção valoriza e responsabiliza as lideranças intermédias (coordenadores), professores, pais e comunidade num trabalho em estreita colaboração e complementaridade.

De destacar o cuidado colocado na elaboração dos horários dos professores estruturados em função do desenvolvimento e aprendizagem dos alunos, alocando

cinco tempos não letivos semanais nos horários dos professores, destinadas ao planeamento/avaliação do processo e reorientação da ação, realizado em equipa e na escola. Destaca-se, assim, a importância dada ao planeamento, avaliação e reorientação do processo educativo.

Disposições de professores

Os professores com os quais conversamos destacaram a importância dos projetos integradores de saberes e a avaliação formativa, reguladora e autorreguladora da aprendizagem, bem como o enfoque na formação integral do aluno. Destacaram o trabalho cooperativo entre alunos e professores. Não foi possível perceber o grau de satisfação dos professores com esta metodologia.

Disposições de alunos

Os alunos interpelados durante a nossa visita às salas estavam a desenvolver projeto de aprendizagem. Explicaram clara e detalhadamente em que consistia, as diferentes fases de execução e as aprendizagens efetuadas. Na sala existia um registo diário das tarefas a realizar por cada aluno, e pelo grupo. O trabalho estava a ser realizado com recurso ao computador individual, à Internet e a outras fontes de informação. Os alunos demonstravam uma atitude empenhada e, globalmente, comprometida com os trabalhos que realizavam.

Disposições dos pais

Relativamente aos pais foi-nos relatado que estes participam em palestras formativas promovidas pela escola, apresentadas pelos alunos, dimensão que integra o horário dos alunos, e em reuniões orientadas pela equipa diretiva de apresentação e mobilização para a consecução do projeto educativo. Não foi possível aferir o seu grau de satisfação com o modelo implementado e o desempenho da escola. A direção informou que a escola é muito procurada pelos pais, sendo por vezes difícil assegurar a existência de vaga para os alunos que a procuram.

Apropriação possível para a *escola portuguesa e condições de êxito.*

Tratando-se de uma escola pública identificamos algumas similitudes com a escola portuguesa. Porém, nem todas as escolas devem organizar-se do mesmo modo, devendo o sistema educativo e, em concreto, as escolas disponibilizar ofertas diversificadas podendo coexistir nichos para vários modelos educativos, enquanto escola plural, flexível e intercultural.

Os princípios, os pressupostos e as metodologias implementadas na escola Riera de Ribes são, em nossa opinião, passíveis de aplicabilidade nas nossas escolas, pois existem algumas semelhanças, nomeadamente ao nível dos espaços educativos, o rácio professor/aluno, as exigências dos programas oficiais e os exames externos a que os alunos estão sujeitos.

Considero, porém, que a alavancagem na mudança rumo à inovação educativa só poderá acontecer de forma sustentada se estiver ancorada num plano intensivo de formação, de elevada qualidade, das lideranças e dos professores, sem esquecer a formação de pais. Terá como propósito criar condições para a criação de “ensaios” inovadores face ao modelo tradicional de ensino, desativando crenças e preconceitos e redefinindo a profissionalidade docente, numa ação comprometida de operacionalização de um projeto educativo que traduza uma visão e uma estratégia promotora de uma escola inclusiva, através de percursos individualizados de ensino e de aprendizagem significativos. Para a implementação de processos sustentados de mudança / inovação afigura-se relevante a apropriação de uma nova gramática nomeadamente em torno dos conceitos: aluno, ensino, aprendizagem cooperativa, escola, espaços de aprendizagem, ferramentas digitais, entre outros. Desejar a mudança, criando mecanismos internos de motivação para se iniciar um processo de transformação dos modelos teóricos e práticos arraigados, evitando eventuais “recaídas” nos modelos tradicionais, exige formação contínua e monitorização externa num processo de crescente autonomização.

Garantidos estes pressupostos, a metodologia implementada na escola Riera de Ribes é passível de ser aplicada, com as adaptações exigidas pelos contextos específicos de cada escola.

Escola Sadako | A mudança, na procura de uma outra forma de organizar a escola para o século XXI

Margarida Oliveira

(margaoliveira@gmail.com - professora de Educação Musical do ensino básico na escola EB 2,3 da Maia, aluna de doutoramento da UCP/Porto).

Introdução

Pretende-se com este texto dar a conhecer a visita realizada no dia 28 de março de 2017 à escola Sadako inserida no *II Simposio Internacional Barcelona | Educación | Cambio*, com a seguinte estrutura: apresentação da escola tendo como referente a caracterização enunciada no *site* do Simpósio, a imagem percebida, inovações que foi possível observar na organização dos espaços, das pessoas e dos recursos mobilizados concluindo com sugestões que possam contagiar a mudança nas nossas escolas.

A imagem narrada

A Escola Sadako é apresentada no *site* do simpósio como:

Uma escola autónoma com contrato de associação da cidade de Barcelona, com 49 anos de existência, com grande tradição e que sempre trabalhou de forma diferente face às outras escolas. Frequentam a escola cerca de 730 alunos distribuídos pela educação infantil, primária e secundária (bacharelato).

Apresenta-se como uma escola ativa, laica, inclusiva, participativa, inovadora e com um projeto global e grande capacidade de aprender.

Acreditam numa escola aberta às famílias e realmente focada nos alunos, numa educação académica de qualidade, com especial ênfase nas competências pessoais, profissionais e sociais dos alunos. Trabalham para promover a autonomia, a cooperação, a criatividade, a inovação, o esforço e a liderança, a partir do envolvimento dos alunos na sua aprendizagem, acompanhados por professores comprometidos e motivados.

Destaca-se ainda, pela integração de tecnologia, trabalho colaborativo, e globalização da aprendizagem, que, juntamente com o co-ensino e os modelos de

ensino múltiplo nas salas de aula, tem permitido a transformação do projeto num projeto dinâmico em constante transformação.

Página web: <http://escolasadako.cat/>

Ideia geral recolhida

Da visita à escola é perceptível uma forma de organização e de funcionamento próprio, ocupando o aluno o centro da aprendizagem. Os espaços permitem o trabalho colaborativo, incentivando e apoiando a interajuda, a autonomia e a criatividade. A aprendizagem faz-se por sequências didáticas em torno de projetos que visam a formação integral do aluno.



Imagem 1 – Propostas dos alunos no gabinete do Diretor

Perceção global

Do clima de escola

Quando entramos na escola deparamo-nos com espaços acolhedores e um clima tranquilo, salas transparentes e grande visibilidade dos trabalhos/projetos desenvolvidos pelos alunos.

Os alunos são claramente desafiados a fazer perguntas “É melhor que haja perguntas sem resposta que respostas sem pergunta”, colocando o aluno numa perspetiva de autor do seu conhecimento.

Da estratégia geral de inovação e mudança

Mantendo a preocupação da qualidade do ensino e na formação dos seus alunos, a escola aposta na formação dos seus professores e valoriza a sua capacidade de antecipação e de resolução de problemas, assumindo-os como “motores” da mudança. O professor passa assim de transmissor a facilitador e sedutor de aprendizagens, desenhador de situações didáticas, cedendo o centro da atenção ao aluno. A família é envolvida na escola nomeadamente na avaliação dos alunos e dos projetos, gerando a escola espaços para que essa participação possa acontecer.

As inovações observadas

A maior inovação desta escola tem que ver não só com a dinamização dos espaços e aposta no trabalho colaborativo e cooperativo, mas também no envolvimento de toda a comunidade bem como, na dinamização de projetos que visam a formação integral do aluno e o sentido de pertença. Têm uma horta e um galinheiro, geridos pelos alunos.

A funcionar há cerca de um ano, a Educação Emocional aposta no autoconhecimento e no bem-estar dos seus alunos através de sessões de relaxamento e discussão de vídeos/imagens... Este projeto é dinamizado por um professor com formação específica que no início do ano transmite ao tutor responsável por cada ano, e presta auxílio aos alunos com problemas.

O projeto “Sorrisos” visa o apoio dos alunos mais novos pelos mais velhos, pelo processo de apadrinhamento. As equipas formadas são desafiadas rotativamente a dinamizar o placar das notícias, respeitando as instruções que são dadas pelo professor responsável, incentivando a criatividade e o sentido crítico dos alunos.



Imagem 2- Placar das notícias

Nos intervalos os alunos podem utilizar os pátios, a sala de relaxamento ou o terraço onde podem conversar com os professores. Nos recreios os alunos dispõem de materiais que lhes permite dar asas à imaginação (figuras em esponja rija, troncos, pneus) ou simplesmente para descansar.



Imagem 3 – Cantinho da poesia

Preocupada com a formação integral do aluno, a escola gere o currículo garantindo que os alunos desenvolvem aprendizagens que lhes garantem uma formação integral e sustentável. A aprendizagem faz-se por seqüências didáticas em torno de projetos que visam encontrar respostas às dúvidas colocadas pelos alunos.

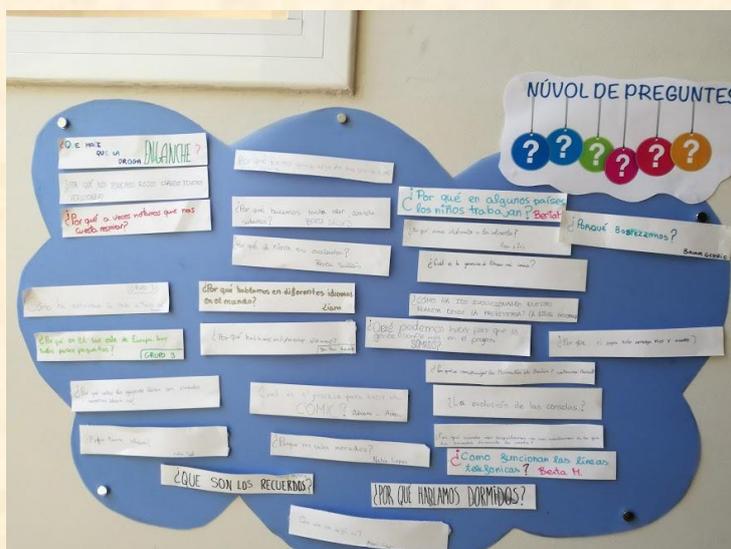


Imagem 4 – Reptos dos alunos (nuvem de perguntas que procuram respostas)

Física/...), os alunos são divididos em grupos mais pequenos e trabalham com um professor por grupo.



Imagem 6 - Trabalho colaborativo na sala de aula

A escola aposta na utilização das novas tecnologias dentro e fora da sala de aula. Os alunos não têm manuais. Os recursos estão disponíveis em plataformas de livre acesso e todos os alunos utilizam *tablet/ipad* nas aulas, para além dos projetos que desenvolvem com recurso a ferramentas digitais.

Atenta às necessidades dos alunos promove espaços de trabalho cooperativo e tutoria.



Imagem 7 – trabalho cooperativo e tutoria

A nível organizativo

Os espaços são pensados para que os alunos se sintam confortáveis na escola e gostem de lá estar e que entre eles o respeito, a solidariedade e a cooperação sejam uma constante.

Para além dos projetos propostos pelos alunos a escola tem um conjunto de outros projetos e a preservação do meio ambiente no âmbito que visam o desenvolvimento sustentável que podem ser desenvolvidos.

Os professores trabalham com afinco de forma colaborativa e cooperativa e percebe-se que gostam do trabalho que fazem.

As pessoas

Caracterização das lideranças

A liderança da escola tem no seu líder uma função de coordenação, orientação, unificação promovendo alinhamentos e envolvimento na ação da escola como se de uma orquestra se tratasse.

Disposições de professores

Por cada nível de ensino existe um coordenador e os professores estão distribuídos por equipas de 3 professores (assegurando-se a equidade e funcionamento da equipa) por sala em co-docência. Reúnem uma vez por semana recorrendo também às plataformas digitais - Google derive e o correio eletrónico.

Disposições de alunos

Os alunos aparentam motivação e envolvimento nos projetos, com liberdade para, em função da tarefa, poderem usar outros espaços da escola para recolher informação ou para realizar alguma tarefa específica.



Imagem 8 - preparação de uma apresentação

Disposições dos pais

Sobre os pais é possível referir que participam ativamente no funcionamento da escola integrando as brigadas de pátios e a avaliação dos projetos que vão sendo dinamizados pela escola ao longo do ano letivo (avaliam em grelha própria os filhos, o projeto e o professor/s).

Outras dimensões relevantes observadas

Da visita à escola ressalta um grande sentido de pertença, uma escola dinâmica, que procura através dos seus projetos desenvolver nos alunos aprendizagens significativas e um diretor pró-ativo que contagia a comunidade com a sua motivação.

Apropriação possível para a escola portuguesa e condições de êxito.

A importância da pessoa que é o aluno será a tônica para a mudança na escola portuguesa. O sentido de pertença e envolvimento de todos na construção de verdadeiras comunidades por processos partilhados e transparentes, baseados na confiança é outro aspeto a salientar. Nas nossas escolas falamos em comunidade

educativa/escolar, na prática temos alunos, professores, encarregados de educação separados entre si. O processo de ensino/aprendizagem precisa de saltar dos programas para o contexto da escola na pessoa do aluno. É necessário que o professor seja autor, passe de transmissor a facilitador das aprendizagens, orientando o aluno, que o professor se transforme num sedutor de aprendizagens e desenhador de situações dinâmicas, só possível com entrega, paixão e dedicação.

A organização dos alunos e o modo de funcionamento da escola precisam também de acompanhar a mudança, fomentando e cultivando o envolvimento de alunos, professores, encarregados de educação numa lógica de flexibilidade de tempo e de espaços que possibilitem uma escola onde todos se sintam confortáveis, percebam o sentido e se sintam respeitados e felizes.

A liderança da escola é determinante na criação de condições que permitam o contágio de todos pelo “vírus da mudança” apoiando e incentivando a caminhada sinuosa que terá mais sucesso de for feita por todos.

Institut-Escola Les Vinyes | Da lógica puramente disciplinar à lógica do projeto - dando sentido às aprendizagens

Ilídia Cabral

(icabral@porto.ucp.pt | CEDH - Centro de Estudos em Desenvolvimento Humano, Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Educação e Psicologia)

Introdução

Este texto tem como objeto o modelo organizacional e pedagógico adotado no *Institut-Escola Les Vinyes*, sendo elaborado a partir das perceções e registos recolhidos na visita de estudo realizada a esta escola no dia 29 de março de 2017 e organizando-se nas seguintes partes: explicitação genérica do conteúdo anunciado no sítio do Simpósio; imagem e perceção globais recolhidas; *inovações* observadas; disposições das pessoas com quem interagimos; apropriações possíveis para a escola portuguesa.

A imagem narrada

No site do *II Simposio Internacional Barcelona | Educación | Cambio* esta escola é apresentada sumariamente do seguinte modo:

O *Institut-Escola Les Vinyes* aspira a ser um centro escolar de referência no que respeita à aprendizagem entre pares, à autonomia do aluno, à personalização das aprendizagens e à inovação educativa, baseando-se em valores de solidariedade, participação democrática e inclusão.

Fundado no ano de 2010, enquanto escola de natureza pública assume plenamente os valores da escola catalã, inclusiva, laica, pluralista e implicada na comunidade educativa que serve.

O *Institut-Escola Les Vinyes* compromete-se, também, a velar pelos princípios da qualidade pedagógica, de uma liderança responsável, da dedicação e profissionalidade docentes, da avaliação e da prestação de contas, da implicação das famílias, da equidade na busca pela excelência e do respeito pelas ideias e crenças dos alunos e das suas famílias.

Níveis de ensino: Infantil; Primária e Ensino Secundário Obrigatório

Página web: <http://ielesvinyes.net/>

Percepção global sobre a escola

Esta é uma escola recente, que iniciou a sua atividade em 2010, apenas com Educação Pré-escolar. Desde então tem vindo a crescer e a alargar o seu âmbito de ação, tendo, em 2016/17, alunos de todos os níveis de ensino, desde a educação pré-escolar até ao ensino secundário obrigatório (à exceção do 6º ano da primária).

A ideia geral com que ficámos aquando da visita realizada foi a de se tratar de uma escola jovem e dinâmica, com objetivos e uma missão bem definidos, muito centrada na aplicabilidade prática dos conhecimentos adquiridos pelos alunos e com lideranças pedagógicas e transformacionais.

O clima da escola parece ser positivo e promotor de aprendizagens. Relativamente aos espaços, pode dizer-se que as salas de aula são tendencialmente *normais*, destacando-se a existência de espaços destinados à manipulação, à criação e à construção, como é possível observar nas figuras 1 e 2.



Figura 1 – Oficina de trabalho



Figura 2 – Sala de aula onde os alunos trabalham em projetos

Estratégia geral de inovação e mudança

A estratégia geral de inovação e mudança nesta escola passa por três pilares, nomeadamente: o modelo pedagógico, o modelo organizacional e uma cultura de inovação.

Do modelo pedagógico e organizacional

Na primária existe um horário base, no qual estão marcadas áreas específicas e as designadas especialidades, como a música e o Inglês. No entanto, nesse horário

existem também espaços vazios, cujo preenchimento é negociado semana a semana com os alunos.

No ensino secundário obrigatório o modelo pedagógico encontra-se organizado em três dimensões (cf. Figura nº 3):

- Trabalho disciplinar
- Projetos de âmbito (interdisciplinares)
- Projetos transversais (transdisciplinares)

HORARI 2n ESO - CURS 2016-17

	Dilluns	Dimarts	Dimercres	Dijous	Divendres
8 a 8:10 h	Bon dia	Bon dia	Bon dia	Bon dia	Bon dia
8:10 - 9 h	G1 - Anglès Aula 2B G2 - Ciències Aula 2A G3 - Matemàtiques Aula 2G	Tutoria	G1 - Matemàtiques Aula 2G G2 - Anglès Aula 2B G3 - Castellà Aula 2A	Projecte d'àmbits CTM Aula 2G LIN Aula 2B SAE Aula 2A	2A - Socials Aula 2A 2B - Educació física Gimnàs
9 - 10 h	G1 - Ciències Aula 2A G2 - Castellà Aula 2G G3 - Anglès Aula 2B	2A - Socials Aula 2A 2B - Animació lectora Biblio	G1 - Català Aula 2A G2 - Matemàtiques Aula 2G G3 - Anglès Aula 2B		2A - Hora cinema Aula 2A 2B - Educació física Gimnàs
10 - 10:30 h	Pati	Pati	Pati	Pati	Pati
10:30 - 11:25 h	Projecte d'àmbits CTM Aula 2G LIN Aula 2B SAE Aula 2A	2A - Visual i plàstica Aula 2A 2B - Socials Aula 2B	Projecte d'àmbits CTM Aula 2G/Taller LIN Aula 2B SAE Aula 2A	G1 - Anglès Aula 2B G2 - Català Aula 2A G3 - Ciències Aula 2G	2A - Animació lectora Biblio 2B - Socials Aula 2B
11:25 - 12:20 h		G1 - Castellà Aula 2B G2 - Català Aula 2A G3 - Matemàtiques Aula 2G	12:10 - 12:20 h Tutoria individual**	G1 - Castellà Aula 2B G2 - Matemàtiques Aula 2G G3 - Català Aula 2A	G1 - Matemàtiques Aula 2G G2 - Ciències Aula 2A G3 - Castellà Aula 2B
12:20 - 12:40 h	Pati	Pati	Pati	Pati	Pati
12:40 - 13:35 h	G1 - Matemàtiques Aula 2G G2 - Anglès Aula 2B G3 - Català Aula 2A	Projecte d'àmbits CTM Aula 2G/Taller LIN Aula 2B SAE Aula 2A	2A - Educació física Gimnàs 2B - Tecnologia Aula 2B	2A - Tecnologia Aula 2A 2B - Visual i plàstica Aula 2B	Taller
13:35 - 14:30 h	G1 - Català Aula 2A G2 - Matemàtiques Aula 2G G3 - Ciències Aula 2B		2A - Educació física Gimnàs 2B - Hora cinema Aula 2B	G1 - Ciències Aula 2A G2 - Castellà Aula 2B G3 - Matemàtiques Aula 2G	

Equip docent
Raül Arana: Socials, Hora del cinema i Projectes SAE
Carne Agusti: Català, Animació lectora, Tutora 2A, VIP i Projectes LIN
Mercè Castro: Matemàtiques Aula 2G, Tecnologia i Projectes CTM
****Tutorias individuals:** Carne 2nA / Pere 2nB / Mercè 2nG / Raül 3nG /
 Núria Biblioteca / Júlia Ambient restaurant
Júlia Coll: Educació física
Núria Pons: Castellà i Projectes LIN
Maria Pose: Anglès
Pere Royo: Ciències, Tutor 2B i Projectes CTM

Figura 3 – Horário do 2º ano do ESO³

O trabalho disciplinar ocupa 60% do horário semanal e desenvolve-se em grupos de 20 a 30 alunos com um professor.

³ O horário de cada ano ocupa a mesma mancha semanal para todos os alunos. Na componente disciplinar o grande grupo de alunos de um mesmo ano de escolaridade está dividido em 3 grupos (G1, G2 e G3). Cada grupo tem entre 20 a 30 alunos que vão tendo, alternadamente, as várias disciplinas, conforme se pode ver na figura. De 2ª a 5ª todos os alunos desenvolvem projetos de âmbito no mesmo horário, duas horas por dia, estando divididos pelos 3 projetos que decorrem em simultâneo. Às sextas-feiras de tarde todos os alunos têm uma oficina, cujo conteúdo é variável. Ao longo das duas semanas por período nas quais se desenvolvem os projetos transversais, toda a mancha horária apresentada na figura é canalizada única e exclusivamente para esses projetos.

Os projetos de âmbito ocupam 20% do horário semanal. Há duas horas por dia no horário dos alunos, de 2ª a 5ª feira, alocadas ao trabalho em projetos de âmbito (8 horas por semana). Estas horas não constituem um acréscimo no horário dos alunos, dado que saem diretamente da carga letiva semanal das várias disciplinas, retirando-se uma hora a cada.

Estes projetos desenvolvem-se em 3 áreas: projetos de âmbito linguístico, de âmbito científico-tecnológico e de âmbito artístico. Existem 3 projetos por período (trimestre), com a duração de 4 semanas cada. Os alunos vão rodando por estes projetos, de modo a que todos realizem um projeto de cada âmbito.

Os projetos de âmbito são sempre desenvolvidos em grupos de cerca de 20 alunos, com dois professores da área do projeto simultaneamente em sala de aula.



Figura 4: Clepsidra - Projeto de âmbito científico-tecnológico

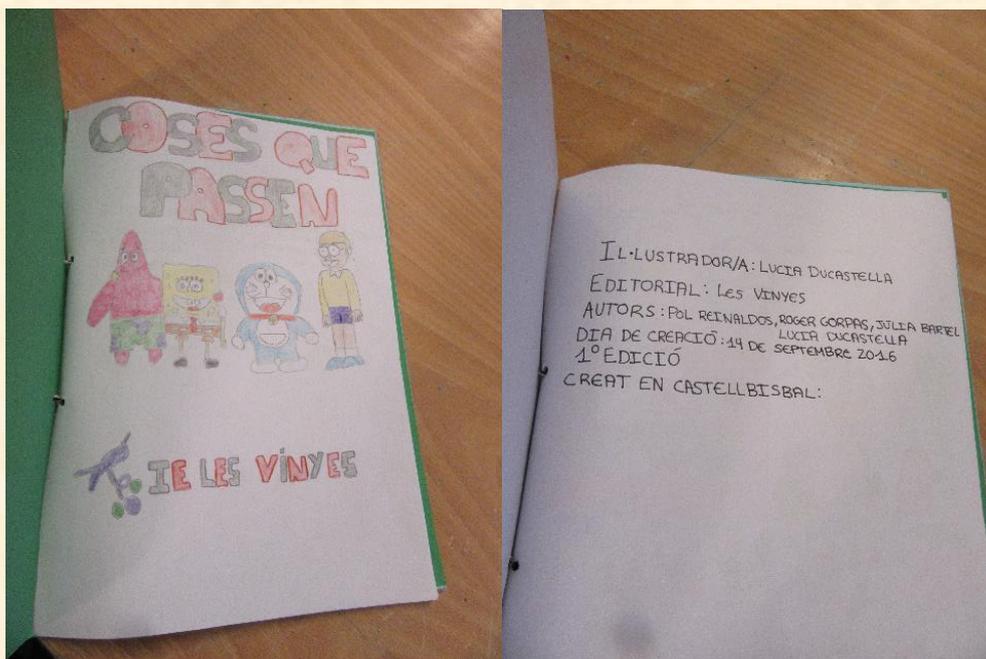


Figura 5: Banda desenhada – projeto de âmbito artístico



Figura 6: Projetos em curso

Os projetos transversais ocupam 20% da carga letiva anual dos alunos, desenvolvendo-se uma vez por período (a meio do período), ao longo de duas semanas. Em termos organizacionais, a particularidade destes projetos é a de serem desenvolvidos ao mesmo tempo por toda a escola, ou seja, durante as duas semanas selecionadas para o trabalho em projeto transversal deixam de funcionar os horários previamente estabelecidos e todos os alunos e professores do ESO trabalham todo o dia unicamente no projeto. Estes projetos são trabalhados em conjunto por todos os alunos de um mesmo ano de escolaridade (entre 60 a 90) com uma equipa de seis professores de áreas disciplinares diferentes.

Os projetos transversais consistem, simultaneamente, numa metodologia e num produto. A metodologia engloba o trabalho em grupos cooperativos, o desenvolvimento de equipas, a alternância entre grupos de docentes base e grupos de especialistas, conferências com especialistas, interação com o contexto, autonomia dos alunos e culmina com a apresentação de um produto. Os produtos a desenvolver podem assumir formas diversas, tais como: uma exposição, um documentário, um jantar para as famílias, uma curta-metragem, uma revista / anuário, um congresso científico ou um musical.

O trabalho disciplinar é também desenvolvido, muitas das vezes, por projetos, havendo guias de projeto com sequências de trabalho a serem realizadas pelos alunos.

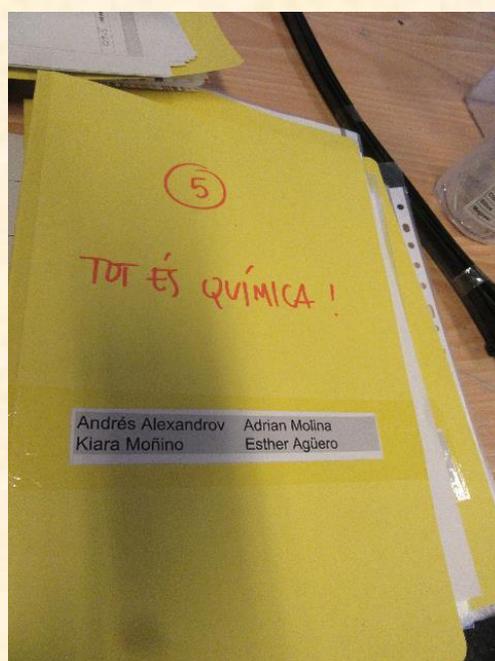


Figura 7: Dossier de trabalho de projeto na disciplina de Química

Nesta escola o recurso aos computadores para pesquisar e elaborar trabalhos escolares diversos é diário. No ensino secundário obrigatório todos os alunos têm que possuir um computador portátil, que é considerado material imprescindível para todas as aulas. Estes computadores, embora sejam dos alunos, são equipados pela escola com *software* a utilizar nas aulas. O investimento que as famílias têm que fazer na aquisição de um computador portátil para os seus filhos é compensado pelo facto de não se adotarem manuais.

Da avaliação

A avaliação dos alunos é feita em coerência com as aprendizagens que se pretende promover nos alunos. Isso significa que pode fazer sentido avaliar um aluno com um exame ao nível do trabalho disciplinar, mas tal não é aplicável ao trabalho por projeto. Assim sendo, no que toca ao trabalho disciplinar, cada docente tem liberdade para avaliar os seus alunos da forma que considere mais adequada. Já no que diz respeito ao trabalho por projetos, a escola desenvolveu ferramentas de avaliação que permitem avaliar os alunos com base no processo, no produto e na qualidade do trabalho em equipa desenvolvido.

No final de cada período letivo os pais dos alunos recebem um boletim que engloba a sua avaliação em cada uma das 3 modalidades de trabalho pedagógico: trabalho disciplinar, projetos de âmbito e projeto transversal. Na parte relativa ao trabalho disciplinar os alunos são avaliados apenas quantitativamente, recebendo uma nota de 1 a 10 por disciplina. Já no trabalho por projeto, existe uma descrição qualitativa do trabalho realizado, para além de uma classificação quantitativa. As classificações obtidas pelos alunos em cada uma destas modalidades faz média ponderada para a classificação final, ou seja, as classificações das várias disciplinas contam 60% da classificação final e os projetos de âmbito e projeto transversal, 20% cada.

Do sentido dos projetos e das aprendizagens

A conjugação de tempos de trabalho disciplinar com tempos de trabalho por projeto surge para dar sentido ao conhecimento e às aprendizagens. O diretor pedagógico da escola diz que não imagina uma escola sem disciplinas, dado que estas têm um grande valor cultural e que é importante que os alunos as conheçam. No entanto, destaca, o problema é que esta forma de estruturação do conhecimento não se encaixa na forma como aprendemos. Não aprendemos de forma compartimentada e fragmentada, mas sim de um modo integrado e articulado. Por isso, é fundamental que, para além de uma lógica de trabalho disciplinar, haja também um forte investimento em trabalho por projeto, dado que é este trabalho que permite dar sentido às aprendizagens disciplinares. O diretor dá o exemplo da Matemática (a disciplina que leciona), chegando mesmo a afirmar que os problemas que se

conseguem resolver numa hora de Matemática valem muito pouco. O importante é que os professores sejam capazes de mostrar aos alunos qual a aplicabilidade prática desse saber e que estes saibam, efetivamente, mobilizar esse conhecimento para a resolução de problemas concretos. É para isto que servem projetos como, por exemplo, a construção de um vasilhame, na qual os alunos têm que fazer uma série de cálculos de volumes, bem como aplicar o Teorema de Pitágoras e outros que podem, aparentemente, não servir para nada, mas que servem, efetivamente, para uma série de coisas.

	Trabalho disciplinar (60%)	Projetos de âmbito (20%)	Projetos transversais (20%)
Enfoque	Disciplinar, com uma base competencial	Áreas	Transversal
Aprendizagens	Conceptuais e procedimentais	Competências de âmbito específico (linguístico, científico-tecnológico ou artístico), competências procedimentais e autonomia, iniciativa, trabalho em equipa	Autonomia, iniciativa, trabalho em equipa
Tipo de trabalho	Individual, cooperativo, guiado	Cooperativo, individual, autónomo com sequência	Cooperativo com especialistas, autónomo
Avaliação	Individual Produtos Liberdade docente	Individual e conjunta Triangulação Exposição ao par pedagógico de docentes Visibilidade pública	Individual e conjunta Triangulação Exposição à equipa docente Apresentação pública
	conceptuais – procedimentais	APRENDIZAGENS	competenciais

Tabela 1: Síntese do modelo pedagógico do *Institut-Escola Les Vinyes*

Cultura organizacional: uma cultura de inovação

A cultura de inovação, apontada pela Direção como um dos pilares da escola, parece ser muito fomentada, precisamente, pelas lideranças de topo. O diretor pedagógico afirma que nesta escola querem que as pessoas se sintam convidadas a melhorar e a propor coisas novas. Este desejo enunciado foi corroborado pelos professores com quem falamos, que afirmaram que a vantagem de trabalhar nesta escola é que se pode dar ideias sem que alguém nos diga: “Não. Isso é impossível, porque sempre fizemos desta forma.” Por outro lado, tanto o diretor pedagógico como os professores, afirmam que quando veem alguém fazer alguma coisa que parece interessante, experimentam e, se funcionar bem, copiam. Isto quer dizer que os professores fazem uso do seu poder autoral e, simultaneamente, estão disponíveis para aprender com os seus pares.

Das pessoas

Apesar de se tratar de uma escola relativamente recente, a missão e a visão da escola parecem ser claras, compreendidas, enraizadas no quotidiano da escola e partilhadas pela generalidade dos professores. Isto, apesar de se tratar de uma escola pública, sujeita a um processo nacional de colocação de professores que não permite contratar professores em função da adequação do seu perfil ao projeto educativo. Trabalha-se com os professores que lá são colocados e, mesmo assim, o contacto que tivemos com diretores e professores parece evidenciar esta visão compartilhada da educação. Pensamos que, possivelmente, e precisamente devido a esta visão comum amplamente partilhada, os professores que são colocados na escola acabarão por passar por um processo de aculturação, passando a assumir um compromisso com o projeto educativo da escola. Quando tal não acontece, e conforme narrado pelo próprio diretor pedagógico, os professores acabam por se ir embora por livre e espontânea vontade.

As lideranças, conforme foi já referido, mostram-se dinâmicas, focadas nas aprendizagens, inspiradoras e transformacionais. Do discurso do diretor pedagógico compreende-se o foco em fazer da escola uma comunidade de aprendizagem profissional. Este enuncia como principais desafios à sua ação, fazer com que as famílias compreendam o que faz a escola e estejam com ela sintonizadas, fazer com

que os professores sejam cada vez mais capazes de desenvolver o projeto educativo da escola e com que as ações da escola sejam cada vez mais coerentes com este projeto.

Os professores com quem tivemos a oportunidade de falar, dentro e fora da sala de aula, mostraram-se motivados para trabalhar em equipa e dentro do modelo pedagógico e organizacional adotado, valorizando a sua liberdade de criar e de procurar soluções para o que consideram não funcionar bem. Trabalham 35 horas por semana, tendo que permanecer na escola por 28 horas, das quais 20 são letivas. Reúnem duas tardes por semana em equipa educativa (o que é possível dada a uniformização da mancha horária de todos os alunos e professores de um mesmo ano de escolaridade) e nessas reuniões desenham tanto os projetos de âmbito, como os projetos transversais a desenvolver com os alunos e discutem as suas aprendizagens e necessidades.

Os alunos com os quais contactámos pareceram-nos também empenhados no trabalho que realizavam e, acima de tudo, pareciam compreender o sentido desse trabalho.

Apropriação possível para a escola portuguesa e condições de êxito

O modelo aqui apresentado tem condições de implementação nas escolas portuguesas, principalmente à luz das recentes propostas do Ministério da Educação para o próximo ano letivo (2017/18), que sinalizam diferentes possibilidades de flexibilização e gestão curricular.

O facto de se tratar de uma escola pública que enfrenta constrangimentos semelhantes aos das escolas públicas portuguesas leva-nos a crer que, efetivamente, nem sempre são necessários mais recursos para pensar e implementar modelos pedagógicos e organizacionais inovadores e promotores de mais e melhores aprendizagens. É *apenas* necessário reorganizar a escola para o sucesso de todos, o que implica:

- Lideranças transformadoras e comprometidas com a melhoria contínua;
- Professores com disponibilidade mental para romper (pelo menos, parcialmente) com as regras da *gramática escolar* tradicional;
- Assunção, por parte dos professores, da sua responsabilidade profissional de CRIAR respostas educativas mais eficazes;

- Uma gestão mais integrada e flexível do currículo (conjugação de saber disciplinar com projetos interdisciplinares e transdisciplinares);
- Trabalho colaborativo entre docentes ao nível da planificação, implementação e monitorização das aprendizagens.

Estas são as características de um Modelo Integrado de Promoção do Sucesso Escolar, capaz de responder à tendencial fragmentação do mundo escolar com a integração da ação docente, dos saberes, dos espaços escolares, dos tempos de aprendizagem, dos alunos com a vida. Porque a escola não tem que ser (não pode ser!) um labirinto do qual só consegue sair com sucesso quem conhece os seus meandros.

Instituto Mongròs | Uma escola pública inovadora

Sónia Soares Lopes

(soniasoareslopes@gmail.com, Agrupamento Dr. Carlos Pinto Ferreira, Junqueira, Vila do Conde)

Introdução

No dia 30 de março de 2017, efetuámos uma visita ao Instituto Mongròs no âmbito do II Simpósio Internacional Barcelona – Educación- Cambio e neste texto procuramos narrar a realidade vivenciada. Iniciamos com uma descrição sumária do Instituto baseada na informação disponível no *site* do Simpósio. Seguidamente apresentamos a nossa perceção global bem como as inovações observadas ao nível da organização curricular, distribuição horária, organização de alunos, metodologias, organização dos docentes, tecnologias, formas de avaliar, formação de docentes e sentimentos. Terminamos com uma breve reflexão sobre a apropriação deste modelo para a escola portuguesa.

A imagem narrada

O *site* do II Simpósio apresenta esta escola da seguinte forma:

O Instituto Mongròs é uma escola secundária (ESO e Bachillerato) com 10 anos de vida, situada em Saint Pere de Ribes, 40 km a sul de Barcelona. É uma escola recetiva à mudança e à inovação oferecendo um ensino inclusivo, globalizante e para o futuro.

A escola trabalha diariamente três grandes objetivos: promover as aprendizagens fazendo uso eficaz das novas tecnologias, promover aprendizagens que contemplem a globalidade e transversalidade dos conhecimentos e promover as aprendizagens para uma cidadania europeia e do mundo. Um trabalho focado em fazer dos alunos uns cidadãos competentes, críticos, capazes e autónomos.

O Projeto Curricular da Escola, considerando o currículo comum, assenta em três grandes eixos: Âmbito Linguístico (Catalão, Castelhana, Inglês e Alemão), Âmbito Científico (Biologia, Física, Química, Matemática, Tecnologia e Educação Física) e Âmbito Social (Ciências Sociais, Filosofia, Visual e Plástica, Música e Religião).

Para cada trimestre, os docentes de estes três âmbitos definem uma tarefa global comum para ser realizada em grupos cooperativos utilizando diferentes metodologias: projetos, simulações, aprendizagem baseada em problemas (PBL) e trabalhos de campo. Todas estas metodologias pretendem colocar o aluno como centro de aprendizagem.

O Projeto Educativo desta escola promove atividades tutoriais sobre o autoconhecimento, o empoderamento e a orientação académica e atividades didáticas de forma a atender a diversidade dos alunos, baseando-se na Teoria das Inteligências Múltiplas, Howard Gardner.

Página web: www.insmontgros.cat

Perceção global

Através da visita realizada pudemos verificar que a escola apostou num novo modelo de organização baseada em trabalho por projetos, refletindo-se numa nova organização académica, em novas metodologias utilizadas e em novos materiais educativos, para todos os níveis de escolaridade. Com o objetivo de melhorar a aprendizagem dos seus alunos, a escola procura motivar os alunos (dando sentido ao que estão a estudar), ensinar a cooperar e ensinar a aprender.

Nova organização curricular

Pudemos registar uma nova organização curricular, por âmbitos, agregando várias disciplinas: âmbito sociolinguístico (Catalão, Castelhana, Inglês e Alemão), âmbito científico técnico (Ciências, Matemática, Tecnologia e Educação Física) e âmbito social (Ciências Sociais, Filosofia, Visual e Plástica, Música e Religião).



Nova organização horária

A distribuição por âmbitos trouxe consigo uma nova organização horária na escola. Cada bloco tem a duração de duas horas. As aulas iniciam às 08h00 e terminam às 14h40. O tempo letivo é dividido em três blocos de duas horas cada, intercalados por intervalos de 20 minutos.

No caso do 1ºESO (7ºano), das 30 horas semanais, 24 horas são dedicadas às tarefas globalizantes, 2 horas para informática, 2 horas para educação física e 2 horas para tutoria.

Imagem 2 – Horário do 1ºESO (7ºano)

Nova organização de alunos

Neste ano letivo, o Instituto Mongrós tem 552 alunos, 489 alunos no ESO e 63 alunos no Bachillerato e 42 professores. No ESO há 15 alunos por tutor, enquanto que no Bachillerato há 7/8 alunos por tutor.

Pudemos observar uma aula do 1ºESO, com 91 alunos agrupados em 23 grupos cooperativos, acompanhados por 4 professores. Quatro é o número ideal de alunos por grupo. Cada grupo tem um caderno de seguimento das tarefas globalizantes por trimestre, onde fica definido uma função para cada elemento (porta-voz, mediador,

secretário e relógio), o compromisso individual de cada um deles e os objetivos trimestrais de grupo.

Ao contrário de outras escolas visitadas, as mesas e as cadeiras da escola continuam as mesmas, tendo-se adaptado a disposição das mesas. Para agrupar um tão elevado número de alunos foi criada uma passagem entre as salas existentes. Registamos que não há lugar específico para os professores na sala de aula, apenas um banco pequeno que permite uma constante mobilidade do professor entre os vários grupos. Observamos um pequeno espaço de lazer na sala de aula para os alunos que terminem mais cedo as tarefas.



Imagem 3 – adaptação da sala de aula para trabalho em grupo



Imagem 4 – Passagem entre salas

Imagem 5 – Canto de lazer

Novas metodologias

A organização curricular por âmbitos originou uma procura de novas metodologias. Cada grupo de professores de um âmbito planifica um projeto trimestral por ano de escolaridade.

Institut Montgròs DESARROLLO CURRICULAR del instituto de enseñanza secundaria MONTGRÒS				
1r ESO	1r TRIMESTRE	2º TRIMESTRE	3r TRIMESTRE	
Organización	Trabajo en PAREJAS	Trabajo en GRUPO COOPERATIVO	Trabajo en GRUPO COOPERATIVO	Trabajo individual, pa
Eje organizativo Ámbito Científico tecnológico	Un viaje por el Sistema Solar Investigamos el universo, sus componentes y el Sistema Solar. Construimos los planetas a escala y hacemos una excursión para colocarlos a la distancia proporcional imaginando que el Sol está situado en el Instituto.	Ribes delante del cambio climático Estudiamos los fenómenos meteorológicos y creamos instrumentos para medirlos con material de reciclaje. Con los datos obtenidos creamos, presentamos y grabamos un programa para TV Montgròs.	1st Animal Research Project (ARP) Congress Construcción de un hábitat para un animal con material de reciclaje, adecuado a sus dimensiones y a su estilo de vida. Observación y registro científico de su comportamiento. Presentación oral del estudio de cada animal en un congreso sobre medio ambiente. Exposición oral USEE PILA	TRABAJO de: Opción A: tod Proyecto libre parejas o gr intereses p
Herramienta TAC/MAV	Procesador de textos	Edición de un audiovisual	Programa de presentación	
Escribimos nuestra primera novela a lo largo de los tres trimestres del curso				
Eje organizativo Ámbito Lingüístico	Vecinos Aprendemos a DESCRIBIR personas para crear los personajes de nuestra novela, que vivirán todos juntos en un mismo edificio. Exposición oral USEE	Hogar, dulce hogar Aprendemos a NARRAR historias para crear el nudo de nuestra novela todo ello relacionado con diferentes situaciones que tienen que vivir el "vecindario" de nuestro edificio.	Greenland Aprendemos a hacer DIÁLOGOS ya que a los personajes de nuestra novela se les plantea un nuevo reto/problema como ciudadanía de Greenland y habrán de comunicarse entre ellos y ellas para resolverlo.	Opción B: a materia: s Tare Ribes
Herramienta TAC/MAV	Programa de presentación	Procesador de textos	Procesador de textos	
Eje organizativo Ámbito Social	Paisaje imaginario Creamos un paisaje con todos los elementos geográficos, cartográficos i climatológicos, y, con sonidos y ruidos propios de su localización. Lo representamos en una maqueta.	Cómo eran nuestros antepasados? Hacemos de arqueólogos y descubrimos restos de una cultura prerromana de la cual nos haremos especialistas. Como tales creamos un panel para exponer en un museo, objetos e instrumentos de la época. Exposición oral USEE	Representamos el mundo antiguo con títeres Creamos el guión de una escena de ópera donde se recrea la vida de una familia griega o romana para ser representada con marionetas y con música de ópera. + Educación Física	Cualquiera v
Herramienta TAC/MAV	Programa de presentación	Programa de presentación	Edición de un audiovisual	

Imagem 5 – planificação anual dos projetos a desenvolver por Âmbitos no 1ºESO

Os alunos trabalham, em grupos cooperativos, em projetos que incluem sempre a criação de um produto final (Exposição oral, obra de teatro, programa de TV, escrever um romance, criar uma paisagem, ...). O trabalho de aula, durante um trimestre, está orientado para a aquisição de conhecimentos e competências básicas para a realização de esse produto final. Observamos que muitos dos trabalhos dos alunos estavam expostos por toda a escola.



Imagem 6 – Trabalho dos alunos no corredor da escola

Nova organização dos docentes

Esta nova forma de trabalhar na escola implica muito trabalho colaborativo por parte dos docentes. Os professores da escola, durante o mês de julho, definem objetivos comuns para o grupo, planificam os trabalhos (projetos, tarefas) e delineiam o produto final de cada trimestre, os instrumentos e os critérios para avaliarem os alunos. Durante o ano letivo, os professores do mesmo âmbito têm reuniões semanais de coordenação.

Novas tecnologias

Decorrente desta nova **forma** de trabalhar, os alunos já não se fazem acompanhar de manuais escolares tradicionais e utilizam a plataforma *moodle* da escola, que faculta os materiais curriculares organizados por trimestre e por projetos. Pudemos observar que na sala do 1ºESO, os objetivos de cada atividade bem como o trabalho a desenvolver estavam também afixados na parede e numa sala do Bachillerato, estava a ser projetado.

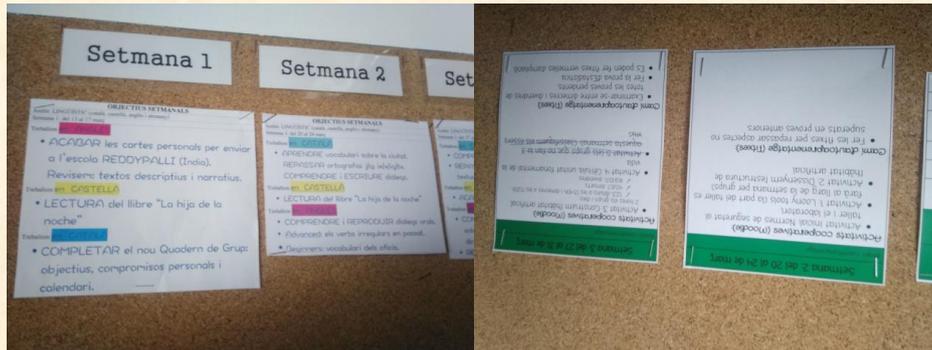


Imagem 7 – projeto afixado, na sala do 1ºESO

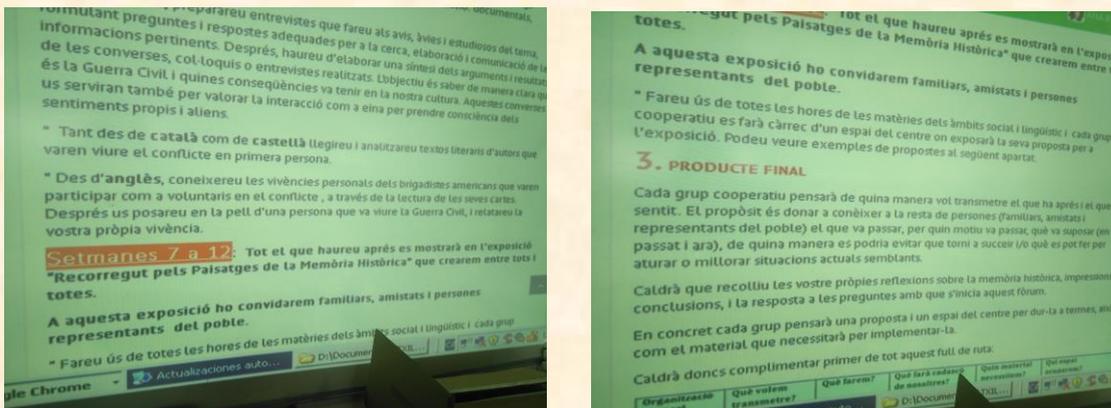


Imagem 8 – projeto na plataforma moodle, numa sala de Bachillerato

Novas formas de avaliar

Surgem novas formas de avaliar em seguimento de novas formas de trabalhar na aula. A avaliação é feita por projetos e por competências, de uma forma contínua e participada, onde os alunos também participam neste processo (através de auto e heteroavaliação) e os docentes também avaliam de forma cooperativa.

O caderno de seguimento das tarefas é uns dos instrumentos de avaliação.

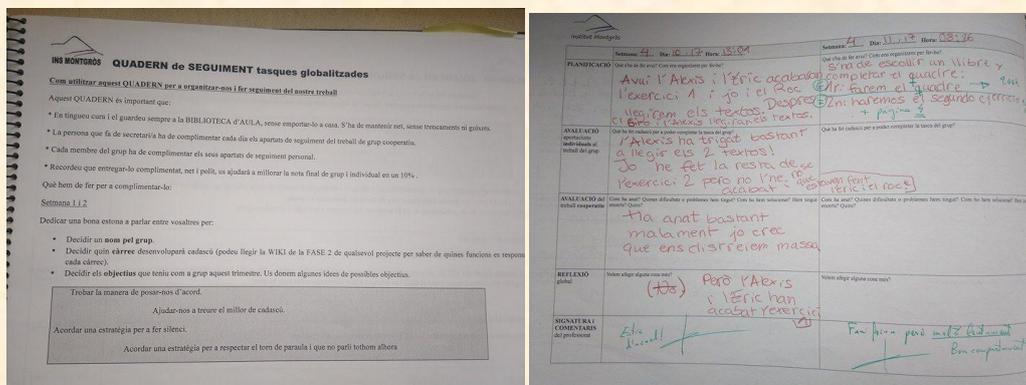


Imagem 9 – caderno de seguimento das tarefas no 1ºESO

Formação dos docentes

Para os professores que chegam de novo à escola, há uma formação inicial sobre aspetos técnicos e metodológicos (avaliação por tarefas ou projetos e uso do *moodle*) no mês de Setembro. Há também um sistema de “apadrinhamento” onde um professor da escola apoia o professor recém-chegado nas dificuldades que pode ter. As reuniões semanais de âmbitos são, também, oportunidades de formação e apoio entre os docentes.

Novos sentimentos

Falamos com alguns docentes sobre o seu papel na escola e sobre esta nova de trabalhar, centrando a aprendizagem no aluno, e o feedback foi bastante positivo. Pudemos conversar um pouco com alguns alunos do Bacchillerato e transmitiram-nos a sua satisfação por esta forma de trabalhar, onde se sentem mais envolvidos e descontraídos. Salientaram também que o trabalho cooperativo permite um maior envolvimento daqueles alunos que, por norma, são mais desatentos e desinteressados.

Sentimos que nesta escola cada aluno é importante quando soubemos da criação de um projeto de trabalho individual para um aluno que estava em abandono escolar, com a colaboração de elementos da comunidade envolvente. Para este aluno, o trabalho proposto era diferente, a avaliação diferente, mas conseguiram que o aluno regressasse à escola e sentisse interesse em aprender.

Não foi possível obter a opinião dos pais nesta nossa visita.

Pudemos sentir o verdadeiro envolvimento da diretora da escola neste processo de inovação educativa e registamos, com alegria, a partilha de informações e materiais com os visitantes. A diretora convidou um professor da escola reformado que falava português para nos acompanhar e procurar esclarecer alguma dúvida. Fez-nos sentir especiais e não temos dúvidas que esta escola faz o mesmo por cada um dos seus alunos.

Apropriação possível para a escola portuguesa e condições de êxito

Consideramos que há várias inovações observadas que poderiam ser apropriadas na escola pública portuguesa, mas para isso é necessário deixar de dar a primazia aos

resultados académicos e considerar a educação como um todo. Valorizar os conhecimentos, mas também a cidadania.

Para isso é necessário quebrar resistências dos docentes face a novas formas de trabalhar e avaliar, quebrar resistências dos pais/encarregados de educação face a novas formas de avaliar que não valorizam tanto os resultados académicos e quebrar resistências dos diretores face a novas formas de organizar os alunos, os professores, as disciplinas, os horários e avaliar os alunos.

Com uma liderança de topo disposta a inovar, a ousar, a ser capaz de efetuar mudanças de fundo na organização dos alunos, em dar condições para os docentes trabalharem colaborativamente de forma periódica e aceitar mudanças na forma de avaliar os alunos, consideramos ser possível motivar alguns docentes para este processo de mudança na escola pública portuguesa, ser uma escola para todos aprenderem. Um processo longo, mas possível.

Como nota final, gostaríamos de partilhar um testemunho de um aluno deste escola que visitámos. Quando questionado sobre o que gostaria de dizer a um aluno recém-chegado à escola em questão, ele respondeu “Tu aqui vais aprender, de uma maneira ou de outra!”.

Faculdade de Educação e Psicologia

Maio de 2017